



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

JOÃO PEDRO BARROZO GONZALEZ OLIVEIRA

**ANÁLISE DE DADOS NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA NOVA
FORMA DE PENSAR O COMENTÁRIO FUTEBOLÍSTICO**

SÃO LUÍS - MA
2025

JOÃO PEDRO BARROZO GONZALEZ OLIVEIRA

**ANÁLISE DE DADOS NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA NOVA FORMA DE
PENSAR O COMENTÁRIO FUTEBOLÍSTICO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Comunicação
Social – Jornalismo da Universidade
Federal do Maranhão como pré-requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Comunicação Social - Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Márcio Carneiro dos
Santos

SÃO LUÍS – MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barrozo Gonzalez Oliveira, João Pedro.

ANÁLISE DE DADOS NO JORNALISMO ESPORTIVO: : uMA NOVA
FORMA DE PENSAR O COMENTÁRIO FUTEBOLÍSTICO / João Pedro
Barrozo Gonzalez Oliveira. - 2025.

61 p.

Orientador(a): Marcio Carneiro dos Santos.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Jornalismo Esportivo. 2. Comentarista. 3.
Jornalismo Guiado Por Dados. 4. Jgd. I. Carneiro dos
Santos, Marcio. II. Título.

OLIVEIRA, J. P. B. G. Análise de dados no jornalismo esportivo: uma nova forma de pensar o comentário futebolístico. Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em: 06/03/2025

-

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Carneiro dos Santos (Orientador)

Prof. Dr. Bruno Soares Ferreira

Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Júnior

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiro a meus pais, Patrícia e Antônio, a avós, Celia, Evaristo e Joana e minha irmã Beatriz, que mesmo com dúvidas decidiram apoiar meu sonho e comemoraram cada conquista em minha jornada na universidade. A meu amigo de longa data, João Felipe, que mesmo a quilômetros de distância considero um irmão de outra mãe. Agradeço por ter sido a primeira pessoa que, em meio às dúvidas sobre seguir meu sonho de trabalhar com o jornalismo esportivo, acreditou em meu potencial.

Agradeço a Manu e Francisco, com quem dividi os períodos de frustração e nervosismo da pandemia, nossas reuniões de trabalho que se transformavam em rodas de fofocas foram essenciais para aguentar as turbulências que enfrentamos juntos.

Agradeço a Leo e Gabriel, comunicadores e escritores que me inspiram com sua criatividade e paixões. Obrigado por me permitirem participar de projetos como o Cineclube, pelas conversas sobre nossos interesses mais nerds e risadas a custas das imitações e trocadilhos enfiados de Leonardo. Saibam que comemoro cada triunfo de seus projetos e sei que realizações ainda maiores aguardam no futuro

Obrigado a Pedro e Priscila, pelas conversas na rádio sobre nossos interesses comuns, por me permitir acompanhar seus projetos pessoais de tanto talento e por sempre lutarem para que eu experienciasse o máximo da “vivência UFMA”. Levo com muito carinho nossas conversas no RU, em caronas e nas redações da Rádio Universidade e Tv Cidade.

Agradeço a Letícia, amiga, colega e exemplo profissional. Mesmo que ela tente negar, uma excelente aluna com quem tive o privilégio de dividir trabalhos de classe e que divide a luta pessoal no mercado de trabalho com a luta por justiça social.

Gostaria de agradecer também minhas amigas Luma e Gabriela, que, apesar das piadas sobre minha idade, sempre se mostraram excelentes amigas e nunca omitiram qualquer elogio. Obrigado a essas duas jovens ambiciosas pela criação do Livro do Clube e dos próximos inúmeros projetos que estão por vir.

Obrigado a todos colegas e amigos que pude fazer em minhas experiências de estágio durante o Curso. Kleo, Adriana, Eliza, Carol, Paulo, Ironara, Thalia, Antonio, Milena, Samya, Daniel, Pedro, Paulo Pontes, Wilton, Marina, Ícaro, Beatriz Pereira e Beatriz Oliveira. Agradeço cada um por me ajudarem a ser um comunicador melhor e pelas oportunidades que me ofereceram.

Agradeço a meus amigos de fora da universidade. Maurício, Vinícius, Chico, Rodrigues, Lucca, Markinhos, Rafael, Fred, Mota, Leonardo, Paulo, Leo, Daniel, Rodrigo, Artur, Velho, Texola, Nilo e todos os demais com quem dividi os momentos de lazer nos últimos anos, fossem jogando vôlei, RPGs de mesa ou apenas em ligações ou rodas de conversas. Mesmo sem fazer parte da minha vivência no curso, acompanharam cada etapa e me permitiram recuperar as energias para futuros desafios.

Agradeço ao professor Márcio Carneiro por ter me apresentado o mundo da pesquisa, pelo qual me apaixonei e se tornou uma nova possibilidade dentro do jornalismo. Além disso, agradeço por ter aceitado me orientar durante esse trabalho, período em que entendeu as adversidades, mas nunca me deixou ficar acomodado.

Agradeço aos professores Bruno, Raquel, Ramon e Arnold pela dedicação em sala de aula, o carinho pelo ensino e que através dos trabalhos passados pude abordar temas que sempre tive carinho através de óticas que apenas a comunicação me permitiria.

Por fim, agradeço a minha namorada, Maria Julia. Minha instrutora, psicóloga, ajudante em trabalhos da faculdade, fã número um e melhor amiga. Obrigado por sempre confiar em mim e meu potencial, mesmo quando nem eu conseguia. Falho como comunicador em não conseguir me expressar todos os dias o quanto sua presença em minha vida a torna melhor.

RESUMO

O trabalho teve como foco analisar a posição do comentarista no jornalismo esportivo, especificamente, no setor futebolístico a partir de como os dados participam desse meio de trabalho. A evolução tecnológica permitiu que o jornalismo evoluísse e, por consequência, novas formas de fazê-lo. Assim, o trabalho explorou a criação do Jornalismo Guiado por Dados (JGD), como essa prática é feita e cuidados que jornalistas devem tomar ao usá-la na redação. Então, foi explorado o jornalismo esportivo, com foco em como as evoluções de práticas e tecnológicas moldaram a figura hoje conhecida como comentarista, para então se aprofundar nessa posição da transmissão esportiva, principalmente, futebolística. Assim, dois modelos de programas futebolísticos cujos membros são comentaristas foram analisados, desde a forma como apresentaram o tópico do desempenho da seleção brasileira, até a forma como os dados e sua análise participam desse modelo de programação na atualidade. Dessa forma, foi julgado como os profissionais fizeram a seleção e análise dessas informações.

Palavras-Chave: Jornalismo Guiado por Dados, JGD, Futebol, Jornalismo Esportivo, Comentarista esportivo.

ABSTRACT

The work focused on analyzing the commentator's position in sports journalism, specifically, in the football sector based on how data participates in this means of work. Technological evolution has contributed to the evolution of journalism and, consequently, new ways of doing it. Thus, the work explored the creation of Data-Guided Journalism (JGD), how this practice is done and the precautions that journalists should take when using it in the newsroom. Then, sports journalism was explored, focusing on how practical and technological developments shaped the figure known today as a commentator, to then delve deeper into this position of sports broadcasting, mainly football. Thus, two models of particular football programs were analyzed, from the way in which the topic of the Brazilian team's performance was presented, to the way in which the data and its analysis of this programming model are presented today. In this way, it was judged how the professionals selected and analyzed this information.

Keywords: Data-Driven Journalism, JGD, Football, Sports Journalism, Sports Commentator

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Gráfico sobre a porcentagem da população mundial que utiliza a internet

Figura 2 — Capa da reportagem “*A Survey of Attitudes Of Detroit Negroes After the Riot of 1967*”, por Phillip Meyer

Figura 3 — John Presper Eckert (centro) explica ao jornalista Walter Cronkite (direita) as funcionalidades do computador usado para ajudar na cobertura das eleições presidenciais dos EUA de 1952

Figura 4 — Página inicial do site *Wikileaks* (08/01/2025)

Figura 5 — Página inicial do *Upshot* (08/01/2025)

Figura 6 — Gráfico com a proporção de casos de hanseníase no Brasil segundo modo de entrada, de 2013 a 2022

Figura 7 — Captura de tela do site *Sofascore* com dados do jogador Cole Palmer

Figura 8 — Captura de tela do site *Sofascore* com as estatísticas de uma partida da Premier League

Figura 9 — Carta publicada no jornal *Fanfula* responsável pela fundação do então Palestra Itália

Figura 10 — Programa “Grande Resenha Fácil”

Figuras 11 e 12 — Capas de revistas

Figuras 13 e 14 — Capa e material da revista *Placar*

Figura 15 — Programa SportCenter da ESPN

Figura 16 — Transmissão ao vivo do canal no YouTube CazéTV

Figura 17 — Tabela com números de Martinelli, Savinho e Estêvão

Figura 18 — Tabela com os jogos, gols e assistências de Vini Jr. nas eliminatórias

Figura 19 — Tabela que compara o desempenho de Vini Jr pela seleção e Real Madrid

Figuras 20, 21 e 22 — Números dos jogadores em cada atuação

Figuras 23, 24 e 25 — Comparação de notas médias Danilo, Gabriel Magalhães e Marquinhos

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Artigos selecionados sobre JGD

Tabela 2 — Obras selecionadas sobre jornalismo esportivo no Brasil

Tabela 3 — Obras selecionadas para direcionar a análise do objeto de estudo

Tabela 4 — Citação de José Ferreira Neto no canal do YouTube

Tabela 5 — Citação de José Ferreira Neto no canal do YouTube

Tabela 6 — Citação de Dirceu Maravilha no canal do YouTube

Tabela 7 — Citação de José Ferreira Neto no canal do YouTube

Tabela 8 — Citação de Willamis de Souza Silva no canal do YouTube

Tabela 9 — Citação de Fred Caldeira no canal do YouTube

Tabela 10 — Citação de Fred Caldeira no canal do YouTube

Tabela 11 — Citação de Marcelo Bechler no canal do YouTube

Tabela 12 — Citação de Marcelo Bechler no canal do YouTube

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IA — Inteligência Artificial

JGD — Jornalismo Guiado por Dados

NPR — *National Public Radio*

ONG — Organização Não Governamental

ONU — Organização das Nações Unidas

RAC — Reportagem com Auxílio de Computador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	JUSTIFICATIVA.....	16
3	OBJETIVOS.....	18
3.1	Objetivo Geral.....	18
3.2	Objetivos Específicos	18
4	METODOLOGIA	19
5	JORNALISMO GUIADO POR DADOS (JGD).....	21
5.1	Do Jornalismo de precisão ao JGD: exemplos do uso de dados no jornalismo ao longo da história.....	21
5.2	Cronologia do Jornalismo Guiado por Dados	24
5.3	Características e etapas do JGD	28
5.3.2	<i>Análise de dados.....</i>	<i>31</i>
5.3.3	<i>Visualização de dados</i>	<i>32</i>
5.3.4	<i>Como fazer uma boa reportagem através dos dados</i>	<i>33</i>
5.3.5	<i>Contextualização de dados.....</i>	<i>34</i>
6	JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO E O COMENTARISTA	35
6.1	A trajetória do jornalismo esportivo e do comentarista no Brasil.....	36
6.2	Jornalismo esportivo e tecnologia: como os diferentes meios de comunicação afetam essa prática.....	39
6.2.1	<i>Jornalismo impresso</i>	<i>39</i>
6.2.2	<i>Radiojornalismo esportivo</i>	<i>41</i>
6.2.3	<i>Telejornalismo esportivo</i>	<i>42</i>
6.3	Papel do comentarismo esportivo e como deve ser feito.....	44
7	ANÁLISE DOS PROGRAMAS “OS DONOS DA BOLA” E “FRED E BECHLER EXPLICAM”	47
7.1	Análise “Os Donos da Bola”	47
7.2	Análise “Fred e Bechler Explicam”	52
8	CONCLUSÃO	57
	REFERÊNCIAS	60

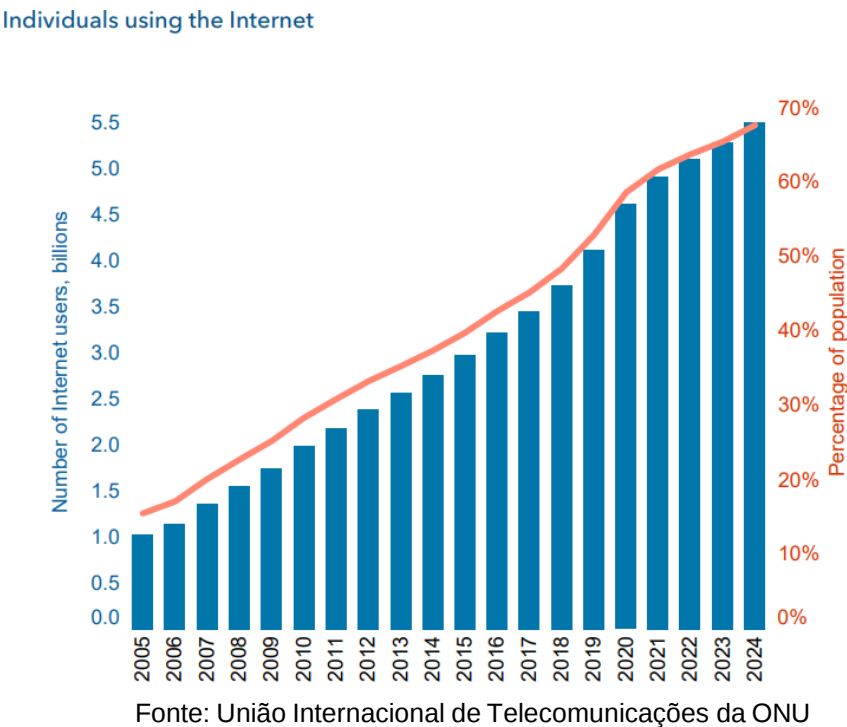
1 INTRODUÇÃO

A prática jornalística depende da tecnologia disponível aos profissionais de uma época, isso significa que, da mesma forma que os aparatos midiáticos avançam e se adaptam, o jornalismo faz o mesmo. A prensa de Gutemberg, o rádio e a televisão, todos mudaram a prática jornalística, no entanto, o mais recente impacto é causado por uma outra tecnologia: a internet.

É a partir dessa ideia que Manovich (2001) analisa as consequências da chamada revolução da nova mídia, descrita como o momento quando as tecnologias midiáticas passam a convergir com a área da computação. Ainda, segundo o pesquisador, são muitos os aspectos e estágios da comunicação afetados, dentre eles: a aquisição, armazenamento, disseminação e manipulação de todos as matrizes de linguagem: textos, sons, vídeos e imagens.

Por consequência, o ambiente digital permitiu uma quantidade de emissores e conteúdo até então não vista na comunicação. Segundo a União Internacional de Telecomunicações da Organização das Nações Unidas (ONU), 5,5 bilhões de pessoas utilizaram a internet em 2024, o que representa cerca de 70% da população mundial (figura 1).

Figura 1 — Gráfico sobre a porcentagem da população mundial que utiliza a internet



A abundância de conteúdo no meio virtual trouxe a necessidade de adaptação dos jornalistas. Em um cenário de grande quantidade de dados, a forma como os comunicadores devem tratá-los e as histórias que devem ser retiradas deles motivou a criação de diferentes práticas jornalísticas, dentre elas está o Jornalismo Guiado por Dados (JGD).

De acordo com Howard (2014), o JGD trata-se do uso de ciência de dados, que por sua vez trata-se de uma ciência que mescla técnicas computacionais, estatísticas e matemáticas, no jornalismo. O autor define o Jornalismo Guiado por Dados como o trabalho de coletar, visualizar, limpar, organizar, analisar e publicar dados para apoiar a criação de atos jornalísticos.

Por consequência, é possível atribuir ao JGD, como uma de suas principais características, a possibilidade de encontrar informações cuja descoberta era considerada difícil ou impossível. De acordo com Santos (2024), um jornalista pode utilizar dados de uma pesquisa para descobrir padrões de comportamento ou opiniões que não seriam detectáveis apenas com entrevistas ou observação direta.

É com esse cenário que diversos pesquisadores apontam o porquê de o JGD ter conquistado tanto espaço. Segundo Bilo *et al.* (2023), as características do jornalismo guiado por dados aumentam a cada dia sua relevância na produção e consumo de notícias em um mundo conectado e informatizado.

Ou seja, os impactos da situação atual, em que as informações são abundantes e de fácil acesso, afetaram o jornalismo como um todo. Assim, este trabalho escolheu o jornalismo esportivo como foco, mais especificamente, as adaptações que o papel do comentarista esportivo tem sofrido.

De acordo com Bezerra (2008), “O comentarista tem a função de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe de forma diferenciada o jogo”. No entanto, a autora também aponta que, apesar da necessidade de uma aura de credibilidade a partir do afastamento de disputas emocionais, é comum que comentaristas finjam grande indignação e severidade em suas análises, resultando na criação de personagens. Portanto, este trabalho pretende mapear a prática dessa função na cobertura esportiva, as adaptações que resultaram em comentaristas que operam mais como analistas e como esses “novos” profissionais se diferenciam dos demais.

Por esses motivos foi escolhido o vídeo “POR QUE QUASE NINGUÉM JOGA BEM NA SELEÇÃO BRASILEIRA?” da série denominada “Fred e Bechler explicam” e

publicada no canal do YouTube da TNT Sports, além do episódio que foi ao vivo no dia 15/11/2024 no programa televisivo “Os Donos da Bola”, da emissora Bandeirantes, como os objetos empíricos deste TCC.

Esta decisão foi tomada com base na divergência entre a composição do grupo de comentaristas, de um lado, Fred Caldeiras e Marcelo Bechler, que são jornalistas formados, mas sem experiência profissional no esporte. Enquanto do outro lado, o apresentador, José Ferreira Neto foi um jogador profissional de futebol por 16 anos antes de se tornar um comunicador. Além do mais, sua equipe também conta, majoritariamente, com outros ex-atletas. A partir disso, essa escolha visou analisar como os dois programas utilizam estatísticas em seus debates, por meio de um exemplo do mesmo tema, o desempenho da seleção brasileira de futebol masculino.

Foram considerados diferentes fatores, como a evolução das práticas jornalísticas diante das novidades tecnológicas, a adaptação do jornalista nesse cenário, a influência dos aparatos de análise de dados, a experiência que os profissionais possuem com essas ferramentas, dentro da comunicação e com o esporte.

O trabalho guiou-se a partir das seguintes perguntas: O que é o JGD? Como é feito? O que é o comentarista esportivo? Como esse papel foi praticado ao longo dos anos? Como as inovações tecnológicas mudaram? Para, por fim, chegar na análise do objeto escolhido.

2 JUSTIFICATIVA

Justifica-se a escolha de produzir esse trabalho com o foco no jornalismo esportivo, mais especificamente nas adaptações do papel do comentarista durante a transmissão esportiva pelos seguintes fatores: primeiramente, o comentarista presta um papel único durante a cobertura de um evento esportivo. Durante o exercício de sua profissão, o comentarista tem a função de auxiliar o narrador na missão de repassar o que está acontecendo, mas enquanto o narrador tem um papel mais descritivo, o analista busca aprofundar ou explicar o que a audiência assiste. Vale ressaltar que o papel do comentarista se expandiu no sentido que não está só mais limitado à transmissão do evento esportivo, mas, com a popularização dos programas

de “mesa redonda”, também podem analisar e comentar sobre um determinado assunto dias depois do acontecimento.

No momento atual, em que a informação está cada vez mais acessível, assim como aponta *Bilo et al* (2023), o papel do comentarista também precisou se adaptar.

Com a crescente quantidade de dados complexos, informações abstratas e de métricas que não são ligadas no cotidiano, torna-se relevante o uso de visualizações para facilitar a compreensão dos significados e das relações entre os dados. (*Bilo et al.*, 2023)

Em acréscimo, o avanço das tecnologias e ferramentas de análise de dados trouxeram uma nova dinâmica à área. Com isso, foi notada a necessidade de entender como o avanço tecnológico influenciou o exercício da função dos comunicadores.

Também foi entendido que era necessário analisar questões como a credibilidade e imparcialidade na trajetória do comentarismo esportivo. A escolha dos objetos empíricos de estudo, os episódios dos programas *Donos da Bola* e *Fred e Bechler Explicam*, foi feita pela diferença notada de perfil entre os dois. Assim, foi possível estudar como profissionais que têm históricos diferentes em suas jornadas na comunicação baseiam e argumentam suas análises.

Auxiliar as questões anteriores, a apresentação desses argumentos também varia de acordo com os antecedentes e linhas editoriais desses programas. Embora a análise técnica e fundamentada seja cada vez mais demandada, o carisma e uma apresentação que o diferencie dos demais continuam sendo qualidades importantes para o sucesso de um comentarista. A mescla entre o entretenimento e a informação exige um equilíbrio delicado entre conteúdo substancial e uma apresentação cativante.

Outra razão para a elaboração deste trabalho foi a popularização de aplicativos e sites cuja função é documentar estatísticas de determinados atletas e competições, além de formular uma nota de acordo com seu desempenho, exemplificados pelo *Sofascore*. O que implica em mais jornalistas terem acesso não só a esses dados como também a ferramentas que os analisam. Portanto, fez-se necessário entender a forma correta de usar essas informações, para isso foram escolhidos pesquisadores e materiais que abordam o Jornalismo Guiado Por Dados (JGD).

O público atual não é apenas um receptor passivo de informações, afinal também tem acesso a essas ferramentas e sites. Com as plataformas digitais, um canal de interação direta entre comunicadores e espectadores, seja por meio de comentários em redes sociais, enquetes em tempo real ou mensagens diretas, foi

criado. O resultado é um ambiente em que o comentarista esportivo não apenas analisa os eventos, mas também engaja ativamente com o público, que pode enviar dúvidas diretamente para a equipe de transmissão, ou os profissionais podem basear o conteúdo de um de seus vídeos, podcasts ou programas a partir de indagações que sua audiência expressou nos comentários de redes sociais.

Por fim, as transformações culturais e midiáticas também foram levadas em conta. Comentaristas modernos se deparam com diferentes formatos, como vídeos curtos e podcasts. A escolha dos objetos empíricos para o estudo, também foi de vital importância nesse aspecto, porque “Os Donos da Bola” é um programa esportivo televisivo, mas que também possui redes sociais que postam trechos da transmissão após sua exibição, enquanto o “Fred e Bechler Explicam” é completamente voltado para a web, com o YouTube como plataforma escolhida para as exibições dos episódios completos.

Essas transformações não apenas redefinem o papel do comentarista esportivo, mas também ilustram uma tendência maior no jornalismo: a convergência entre conteúdo informativo, tecnologia e interatividade. Por isso, compreender e analisar essas mudanças é fundamental para acompanhar as tendências da comunicação no mundo contemporâneo.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Examinar como o papel do comentarista é realizado no jornalismo esportivo atualmente, a partir das informações e ferramentas à sua disposição.

3.2 Objetivos Específicos

- Mapear a origem do Jornalismo Guiado por Dados, suas características e qualidades que traz para a prática jornalística;
- Descrever a evolução do comentarista esportivo e suas características, desde seu surgimento no Brasil até seu estágio atual, com foco nas mudanças causadas pela evolução dos meios de comunicação;

- Analisar os programas “Fred e Bechler Explicam” e “Os Donos da Bola”, buscando entender se os jornalistas que o apresentam usam a análise de dados para formar suas opiniões sobre determinados tópicos voltados ao debate esportivo;
- Averiguar, em caso de confirmação do uso desses dados, como foi feito, em qual contexto e se foi realizado de forma correta;
- Buscar entender as diferenças entre os dois programas, sua apresentação, embasamento analítico e a forma como utilizam estatísticas e dados.

4 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa descritiva analítica, de caráter qualitativo, por meio de pesquisa bibliográfica de matérias que levantam a história, desenvolvimento, prática e características do Jornalismo Guiado por Dados. Para isso, foram selecionados 6 artigos, descritos na tabela 1.

Tabela 1 — Artigos selecionados sobre JGD

Autores	Ano	Título
Bilo <i>et al.</i>	2023	Jornalismo de Dados: transformação digital na produção de notícias.
Gray, Chambers, Bounegru	2013	Manual de jornalismo de dados: como os jornalistas podem usar dados para melhorar suas reportagens.
Haddad, M.	2023	How to produce data-based stories.
Howard, A. B.	2014	The art and Science of data-driven journalism.
Träsel, M.	2014	Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker.
Venancio, R. D. O.	2014	Números e Matrizes do Jogo: ferramentas analíticas para um novo jornalismo esportivo.
Crucianelli, S.	2021	Introdução al periodismo de datos: Cómo encontrar y procesar grandes Volúmenes de informacion.
Holovaty, A.	2006	A fundamental way newspaper sites need to change.

Fonte: Autores

O mesmo processo foi realizado quanto ao tema do jornalismo esportivo no Brasil. Foram selecionadas 6 obras, descritas na tabela 2. O objetivo da seleção foi mapear as qualidades e transformações e qualidades desse setor jornalístico ao longo dos anos.

Tabela 2 — Obras selecionadas sobre jornalismo esportivo no Brasil

Autores	Ano	Título
Bezerra, P.	2008	O futebol midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos.
Coelho, P. V.	2003	Jornalismo Esportivo
Ribeiro, A.	2007	Os Donos do Espetáculo: história da imprensa esportiva do Brasil.
Savenhago, I. J. S.	2011	Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo.
Venancio, R. D. O.	2014	Números e Matrizes do Jogo: ferramentas analíticas para um novo jornalismo esportivo.
Silveira, N. E.	2009	Jornalismo esportivo: conceitos e práticas.
Nascimento, C. P.	2002	Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete.

Fonte: Autores.

Em conjunto, o trabalho fez uma análise de um dos vídeos da série denominada “Fred e Bechler Explicam”, publicados pelo canal do Youtube da TNT Sports, especificamente o vídeo “POR QUE QUASE NINGUÉM JOGA BEM NA SELEÇÃO BRASILEIRA?”, postado no dia 8 de outubro de 2024. Além disso, o trabalho buscou analisar também o programa “Os Donos da Bola”, que faz parte da grade do canal Bandeirantes. O material escolhido foi publicado no dia 15 de novembro de 2024 no canal oficial da emissora de televisão no YouTube.

A opção por essa amostra tem como motivos principais os vídeos serem recentes e dividirem a mesma pauta, o desempenho da seleção brasileira masculina de futebol em 2024.

O material foi analisado com base nos trabalhos descritos na tabela 3, os quais apresentam etapas e ferramentas que podem ser usadas durante a prática do JGD e a participação da opinião na produção jornalística.

Tabela 3 — Obras selecionadas para direcionar a análise do objeto de estudo

Autores	Ano	Título
Gray, Chambers, Bounegru	2013	Manual de jornalismo de dados: como os jornalistas podem usar dados para melhorar suas reportagens.
Haddad, M.	2023	How to produce data-based stories.
Venancio, R. D. O.	2014	Números e Matrizes do Jogo: ferramentas analíticas para um novo jornalismo esportivo.

Fonte: Autores

Dessa forma, os vídeos foram analisados para avaliar se foi utilizado pelos apresentadores técnicas do jornalismo guiado por dados em seu programa. Com isso, é buscado um entendimento sobre como os dados participam do comentário esportivo. Adjunto a isso, em caso de confirmação do uso de estatísticas por esses comentaristas, foi julgado o domínio que possuíam dessas informações, a clareza das estatísticas apresentadas e sua validade para o ponto que buscavam levantar.

Por fim, também foi utilizado o NotebookLM, ferramenta de pesquisa que utiliza a Inteligência Artificial (IA) para catalogar, resumir e analisar conteúdo, para auxiliar na produção de resumos e transcrições do material estudado neste trabalho. Ademais, a ferramenta foi alimentada com os textos bases para a análise crítica dos programas, de forma que a IA pudesse realizar uma análise paralela à feita pelo autor do trabalho. O intuito desse esforço foi complementar a argumentação do autor.

5 JORNALISMO GUIADO POR DADOS (JGD)

5.1 Do Jornalismo de precisão ao JGD: exemplos do uso de dados no jornalismo ao longo da história

Apesar do Jornalismo Guiado por Dados ser um conceito recente, idealizado por volta do século XXI, a presença de dados e, por consequência, o estudo e coleta deles participa da prática jornalística desde sua concepção. Em Howard (2014), o pesquisador afirma ser possível encontrar exemplos em jornais europeus do período renascentista, em que eram noticiadas as condições econômicas, guerras, riscos à

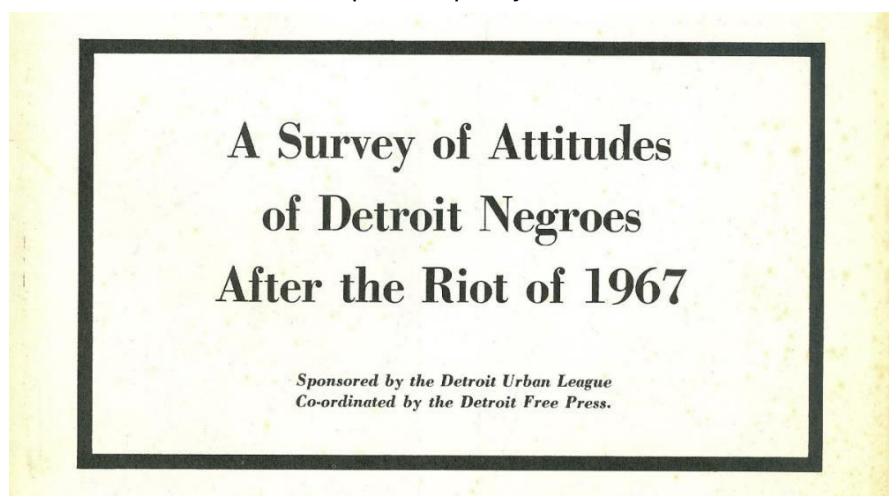
saúde, clima e valor da commodities de certos locais. Assim que as máquinas de impressão foram normalizadas e o valor do papel se tornou mais acessível, as versões à mão foram substituídas pelas impressas.

Segundo Howard (2014), os periódicos passaram a utilizar gráficos por volta do século 18, após a invenção dos métodos gráficos para demonstrar estatísticas pelo escocês William Playfair, em 1786. Mais uma vez, o jornalismo seguia a evolução tecnológica e a demanda de seu público por novos métodos de informar sobre o mundo à sua volta. De acordo com Scott Klein, jornalista e pesquisador da área do JGD: “os dados tornaram-se uma ferramenta para as pessoas da classe média usarem para tomar decisões e não apenas como factos para utilizar em um argumento” (Klein, 2014).

O jornalismo continuou a expandir seus ramos e novas práticas surgiram que aproveitavam as informações disponíveis, mas exigiam equipes grandes para pesquisar e encontrar o material necessário para reportagens. Diante dessa situação, o jornalista Philip Meyer apresentou a ideia de utilização de técnicas quantitativas das ciências sociais como uma forma de reduzir os erros durante as apurações dos acontecimentos.

Em 1967, Meyer aplicou o que viria a nomear como Jornalismo de Precisão ao produzir uma investigação sobre uma rebelião na cidade de Detroit, nos Estados Unidos. Intitulado “*A Survey of Attitudes Of Detroit Negroes After the Riot of 1967*” (figura 2), o trabalho, publicado pelo jornal Detroit Free Press, buscou responder às teorias sobre as motivações daqueles que participaram dessa demonstração violenta.

Figura 2 — Capa da reportagem “*A Survey of Attitudes Of Detroit Negroes After the Riot of 1967*”, por Phillip Meyer



Fonte: Detroit Free Press

Philip Meyer organizou uma enquete, com a ajuda da organização não governamental *Urban League*, divulgada na área afetada pelo motim. Durante a pesquisa, 437 pessoas negras foram entrevistadas com base no material formulado com o auxílio de doutores em ciências sociais próximas do jornalista. A reportagem combateu alguns dos rumores que os participantes da rebelião eram imigrantes ou pessoas negras de nível educacional mais baixo.

Os manifestantes, em geral, eram tão bem-educados quanto os não manifestantes e também ganhavam quase o mesmo dinheiro, embora pareça ter havido um pouco mais de desemprego entre os manifestantes do que entre os não manifestantes. (Meyer, 1967)

Em 1973, Meyer lançou o livro "*Precision Journalism: a reporter's introduction to social science methods*", em que explica formas como os jornalistas devem analisar e utilizar enquetes, base de dados e outras estatísticas com base em fundamentos das ciências sociais. Em acréscimo, Meyer (1973) delimitou os 5 aspectos que os jornalistas devem estar familiarizados graças a expansão do corpo de conhecimento jornalístico: Como encontrar, analisar e avaliar informações, como comunicá-las para público interessado e, por fim, como determinar e garantir o máximo de precisão que o objeto informado exige e permite.

Além disso, ao abordar a forma como esses profissionais podem utilizar dos computadores e bases de dados, o autor plantava as sementes do que viria a ser chamado de Reportagem com Auxílio de Computador (RAC). De acordo com Berret e Phillips (2016): "Esse trabalho pioneiro de Meyer é comumente considerado o início do que foi denominado jornalismo de precisão ou reportagem assistida por computador".

A RAC surge por volta do mesmo período que o jornalismo de precisão, a primeira vez que um computador foi utilizado em uma reportagem foi durante a cobertura da eleição para presidente dos Estados Unidos de 1952 pelo canal de televisão CBS (figura 3). Como o nome sugere, o termo se refere ao uso de computadores para realizar materiais jornalísticos, a partir desse leque, pesquisadores utilizaram diferentes máquinas e softwares para elaborarem formas eficazes de produzir reportagens.

Figura 3 — John Presper Eckert (centro) explica ao jornalista Walter Cronkite (direita) as funcionalidades do computador usado para ajudar na cobertura das eleições presidenciais dos EUA de 1952



Fonte: Site National Public Radio - NPR

No entanto, a prática ganha força a partir da década de 1990. Cox (2000) afirma que as reportagens produzidas com a assistência de computadores nessa década são numerosas demais para catalogar, além do grande número de metodologias que foram desenvolvidas para auxiliar no uso dessas máquinas.

É importante explicar a trajetória da análise de dados e estatísticas no jornalismo para entender sobre o JGD. Afinal são esses movimentos que pavimentam o caminho para esta prática. Sandra Crucianelli (2021) conclui que o Jornalismo envolve o que foi mencionado anteriormente, além de traços do jornalismo investigativo, de aprofundamento e analítico.

5.2 Cronologia do Jornalismo Guiado por Dados

O conjunto de práticas que forma o jornalismo guiado por dados pode ser pensado como uma nova etapa de um outro conceito: o jornalismo de dados. Essa especialidade não é uma invenção recente, ao longo da história é possível ver alguns exemplos, mesmo que arcaicos, dela. Em Howard (2014), o autor busca o exemplo

de Simon Rodgers, primeiro editor de dados do Twitter, que afirma ser possível encontrar, em 1821, um exemplo da utilização desta prática pelo jornal inglês. Na ocasião, o jornal produziu uma matéria sobre inscrição estudantil e os custos ligados ao tópico.

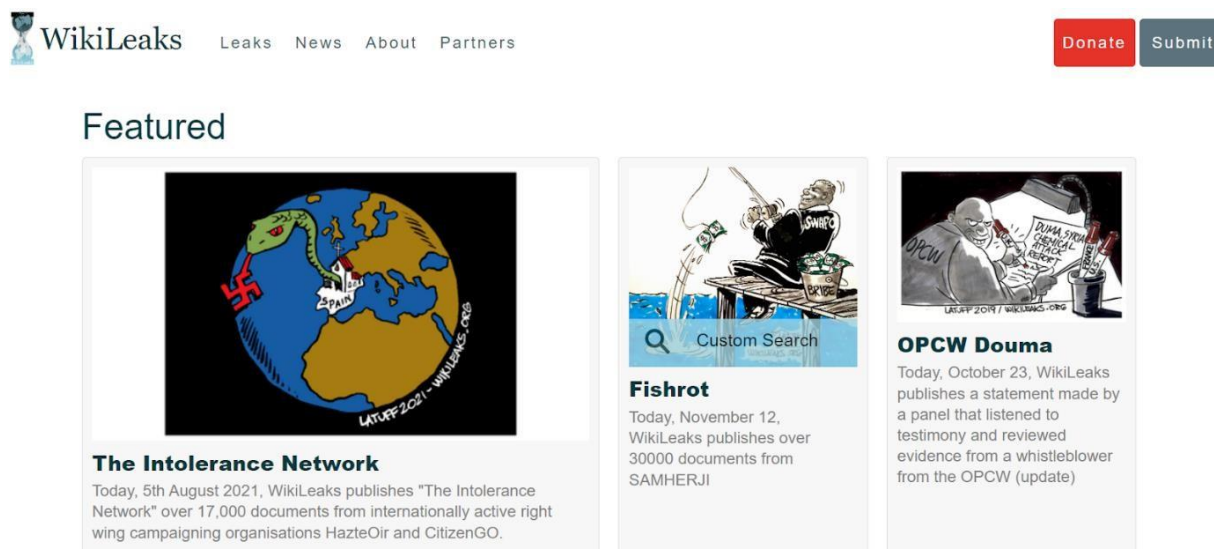
Por sua vez, tanto Gray *et al.* (2012) quanto Howard (2014) apontam que foi no século XXI a primeira referência de jornalismo de dados, em um artigo escrito pelo desenvolvedor de software Adrian Holovaty, em 2006. No texto denominado “*A fundamental way newspapers sites need to change*”, Holovaty apontou que era necessário o fim da exclusividade do jornalismo, por conta da normalização das informações estruturadas.

Muito do que jornalistas locais coletam diariamente é informação estruturada: o tipo de informação que pode ser fatiada e cortada, de forma automatizada, por computadores. No entanto, a informação é destilada em um grande bloco de texto — uma história de jornal — que não tem chance de ser reaproveitada. (Holovaty, 2006)

O que o desenvolvedor de software defende não pode ser chamado do que é entendido hoje como Jornalismo Guiado por Dados, mas ao defender que os jornais deveriam mesclar seus esforços de produção entre o estilo narrativo tradicional usado com a criação de bases de dados de fácil acesso e leitura, inspirou o debate e esforços de outros colegas na comunicação. Como foi o caso de Bill Adair e Matt Waite, que fundaram o website de checagem de informação Politifact, premiado com o Pulitzer em 2009. O mesmo ano em que o Guardian estreou seu *datablog*, usando dados estruturados para criar uma linha pública sobre os gastos do parlamento britânico.

Em julho do ano seguinte, o jornal usou do jornalismo de dados para cobrir notícias relacionadas à guerra do Afeganistão, com base nos documentos vazados pelo Wikileaks, organização não governamental (ONG) que publica em sua página documentos, fotos e informações de governos e grandes empresas (figura 4).

Figura 4 — Página inicial do site *Wikileaks* (08/01/2025)



Fonte: Reprodução do site *Wikileaks*

Também em 2010, Tim Berners-Lee, um dos criadores da rede mundial de computadores, disse que o futuro do jornalismo se encontra na análise de dados. O físico comentou em um evento do governo britânico:

Jornalistas precisam ser experientes em dados. Costumava ser que você conseguia histórias conversando com pessoas em bares, e ainda pode ser que você faça isso dessa forma algumas vezes. (Arthur, 2010)

O que fica claro é que, durante a primeira década do século XXI, o uso e análise de dados no jornalismo passou a ser visto como uma necessidade, tanto para os profissionais da comunicação quanto especialistas em computação e afins. Um fator comum motivante nos casos apresentados foram as bases de dados governamentais que passam a ser acessíveis devido à internet, mas de difícil compreensão.

Em 2014, a empresa Vox Media lançou sua página de notícias na internet, Vox.com, a qual dedica grande parte de sua grade a conteúdos produzidos a partir do jornalismo de dados. Em um texto publicado no site em fevereiro de 2015, por Melissa Bell, chamado "*What is data journalism?*", a autora afirma:

"É mais importante do que nunca que jornalistas desenvolvam novas habilidades para usar essas fontes de dados de forma eficaz. E assim como essa tecnologia pode nos ajudar a encontrar os dados, ela também pode nos permitir compartilhar dados com leitores..." (Bell, 2015).

No mesmo período, o estatístico Nate Silver relançou o site FiveThirtyEight.com, cujo intuito é utilizar dados para cobrir temas variados, desde as eleições norte-americanas para presidente até o desempenho de jogadores de

beisebol profissionais. Além disso, outros grandes nomes do jornalismo mundial também começaram a se aventurar na produção de conteúdo a partir da análise de dados no mesmo período. O *New York Times* por meio do site *Upshot* (figura 5) e o *Washington Post* através do *Wonkblog*.

Figura 5 — Página inicial do *Upshot* (08/01/2025)



Fonte: Reprodução do site *The Upshot*

Com isso, é perceptível que durante a década de 2010 o jornalismo de dados se consolidou nos grandes meios de comunicação. Ou seja, deixou de ser apenas um tópico de estudo, além de uma técnica usada por grupos pequenos de comunicadores que já possuíam um certo domínio na computação, para entrar na corrente dominante jornalística. Howard (2014) aponta que a normalização desse estilo, mais a maior quantidade de dados gerados cotidianamente, tiveram como consequência a expansão e evolução que resultou no Jornalismo Guiado por Dados.

Hoje, o contexto e o escopo do jornalismo baseado em dados se expandiram consideravelmente desde seu antecedente evolutivo, acompanhando a explosão de dados gerados em e sobre quase todos os aspectos da sociedade, do governo à indústria, da pesquisa à mídia social. (Howard, 2014, p. 9)

O cenário atual do JGD não se limita às estatísticas básicas, graças a ferramentas online gratuitas para coletar, limpar e publicar dados em recursos como

aplicativos, gráficos e mapas, os quais complementam a reportagem escrita. Aqueles que tiverem maior afinidade podem se aventurar em um nível ainda mais técnico no jornalismo computacional, o qual permite formas novas de reportagem e análise de informação.

5.3 Características e etapas do JGD

Dos Santos (2024) divide o Jornalismo Guiado por Dados em três pilares: a coleta, a análise e a visualização de dados. Nesse subcapítulo o trabalho vai se aprofundar em cada uma dessas divisões, sua importância e as técnicas necessárias para realizá-las.

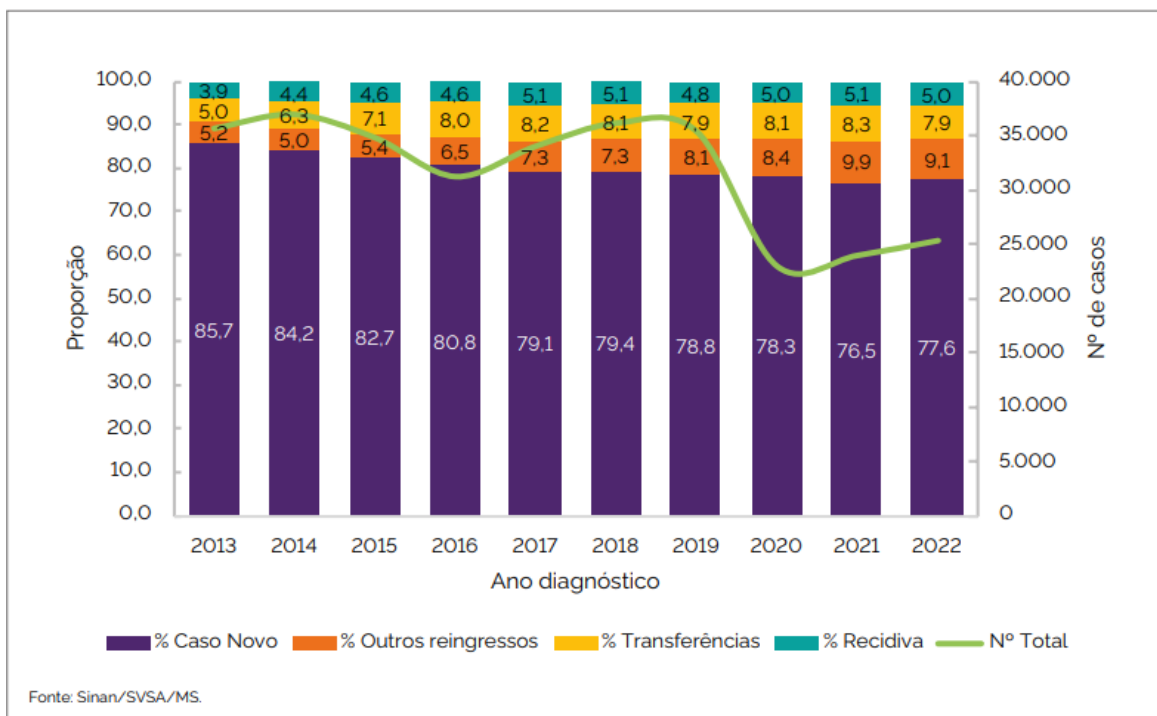
5.3.1 Coleta de dados

A parte inicial do JGD é encontrar os dados que vão servir de base para a investigação e produção das reportagens. A coleta pode ser feita a partir de diferentes técnicas e fontes, que variam em nível de necessidade de conhecimento tecnológico, das quais as principais são:

- a) *Análise de bancos de dados públicos*: informações sobre saúde, educação, economia, segurança e outros temas associados a instituições públicas como governos, órgãos reguladores e ONGs são comumente encontrados online, em seus respectivos portais, de forma gratuita. Com o uso de editores de planilhas, Excel ou Google Sheets, por exemplo, jornalistas podem manipular e analisar esses bancos.

O governo federal brasileiro, por exemplo, possui boletins mapeando certas doenças em território nacional durante determinado período, como o da hanseníase dentre 2013 a 2022 (figura 6). No mapa citado, os pesquisadores demonstram não só o número de casos em cada ano, mas também os dividem em porcentagens de casos novos, reingressos, transferências, recidiva e total.

Figura 6 — Gráfico com a proporção de casos de hanseníase no Brasil segundo modo de entrada, de 2013 a 2022



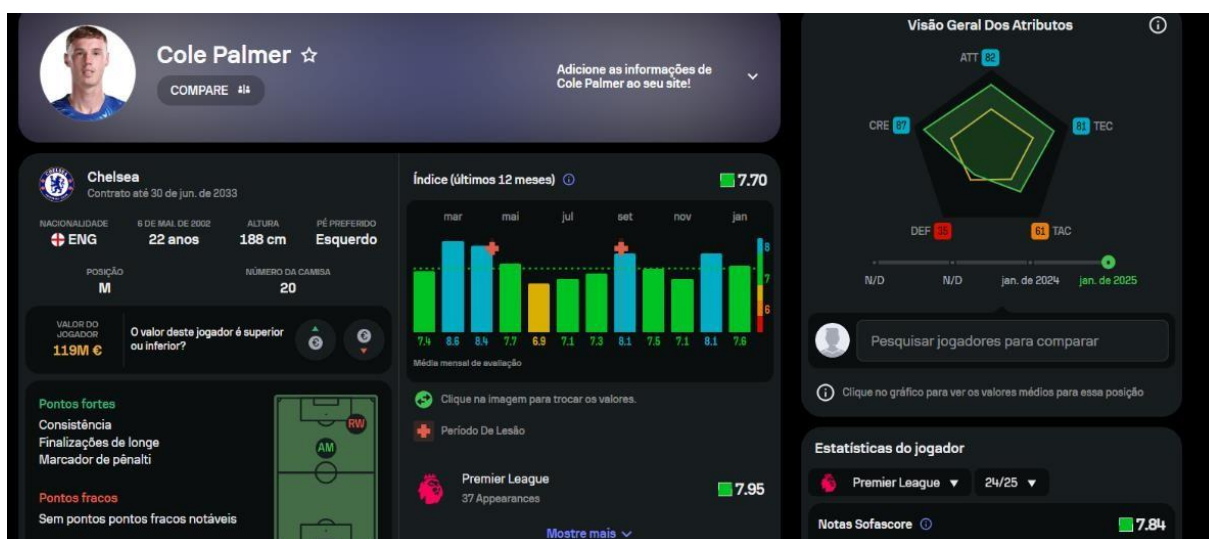
Fonte: Ministério da Saúde

- b) *Web scraping*: Dos Santos (2024) define como coleta de dados de sites por meio de um software que os extrai de forma automatizada. Informações sobre as opiniões de internautas, notícias e valores de produtos são alguns dos temas que podem ser coletados por essa técnica.
No entanto, é importante ressaltar que existe uma forma ética de se realizar o *web scraping*, onde a privacidade de informações é respeitada por aquele responsável pela coleta de dados.
- c) *Raspagem de dados em redes sociais*: Com um papel cada vez mais influente na comunicação mundial, as redes sociais são fontes para conhecer mais sobre seus usuários, seus comportamentos e opiniões. Com isso, a raspagem de dados em redes sociais envolve a coleta de dados de perfis, postagens, comentários, republicações e outras interações entre seus participantes. Vale ressaltar que, assim como *web scraping*, o respeito a políticas de privacidade dessas plataformas é essencial.
- d) *Solicitações de informação*: A Lei nº 12.527/2011, conhecida como Lei de acesso à Informação, garante que jornalistas possam solicitar informações para órgãos públicos, comumente por meio de secretarias de comunicação ou assessorias dessas instituições.

e) *Dados privados*: Empresas, organizações e instituições de pesquisa também podem ser fontes de dados. Por conta do tema desse trabalho, pode ser destacado como modelo o site e aplicativo *Sofascore*, no qual é possível acompanhar estatísticas de equipes esportivas e, principalmente, jogadores (figura 7).

A equipe responsável pela plataforma utiliza um algoritmo que é fornecido com dados sobre os 22 atletas, no caso do futebol, em uma partida para elaborar uma nota para a performance de cada um dos desportistas em campo. Mas além disso, é possível ver outras estatísticas como: gols, assistências, porcentagem de passes feitos, dribles, dentre outros (fig. 8).

Figura 7 — Captura de tela do site *Sofascore* com dados do jogador Cole Palmer



Fonte: Sofascore

Figura 8 — Captura de tela do site *Sofascore* com as estatísticas de uma partida da Premier League

FORMAÇÕES		ESTATÍSTICAS DO JOGADOR									
Resumo		Ataque	Defesa	Passe	Duelos	Goleiro					
		Gols	Assistências	Desarmes	Passes certos	Duelos (ganhos)	Duelos no chão (ganhos)	Duelos aéreos (ganhos)	Minutos jogados	Posição	Nota Sofascore
	Trevoh Chalobah	0	1	0	77/80 (96%)	8 (6)	3 (2)	5 (4)	90'	D	8.4
	Reece James	0	0	3	60/67 (90%)	12 (9)	8 (6)	4 (3)	77'	D	8.0
	Matt Doherty	1	0	2	25/36 (69%)	8 (7)	3 (3)	5 (4)	90'	D	7.6
	João Gomes	0	0	8	33/39 (85%)	18 (11)	17 (10)	1 (1)	90'	M	7.5
	Marc Cucurella	1	0	0	42/53 (79%)	4 (1)	2 (1)	2 (0)	90'	D	7.4
	Noni Madueke	1	0	0	19/22 (86%)	12 (2)	12 (2)	0 (0)	84'	M	7.4
	Tosin Adarabioyo	1	0	0	89/93 (96%)	3 (2)	1 (1)	2 (1)	90'	D	7.4
	Cole Palmer	0	0	0	34/40 (85%)	4 (2)	4 (2)	0 (0)	84'	M	7.2

Fonte: Sofascore

- f) *Crowdsourcing*: Método em que jornalistas solicitam ao público que forneçam informações sobre um determinado assunto. Pode ser realizado a partir de formulários ou entrevistas.

Durante a busca por informações, não importa qual método listado foi utilizado, existem alguns critérios que devem ser seguidos. Dos Santos (2024) destaca que uma boa coleta de dados deve contar com: triangulação de dados, verificação da metodologia e fontes.

O jornalismo de dados não se trata apenas de coletar grandes volumes de dados, mas de encontrar histórias relevantes e significativas por meio da análise, o segundo pilar do JGD.

5.3.2 Análise de dados

Essa etapa busca identificar padrões ou tendências que possam ser úteis para construção de uma narrativa jornalística. O primeiro passo é identificar qual ferramenta vai ser utilizada para analisar o conteúdo em mãos.

Para pequenos conjuntos de dados, uma planilha como o Excel pode ser suficiente. No entanto, para grandes conjuntos de dados ou dados mais complexos, pode ser necessário usar ferramentas como o Python, R ou SQL. (Dos Santos, 2024, p. 16)

Em seguida, os dados necessitam ser normalizados, processo que envolve a padronização das informações para que possam ser comparados e analisados de maneira significativa. Tal procedimento é aconselhado quando se trabalha com dados de diferentes contextos, como de países que possuem divergências em suas respectivas moedas, por exemplo. A normalização de dados é uma das formas de contextualizá-los para uma interpretação correta.

Com a escolha de ferramentas e as informações normalizadas e contextualizadas, deve ser feita a escolha do tipo de análise que vai ser utilizada. Dos Santos (2024) destaca três categorias:

- a) *Análise descritiva*: em que se cria resumos estatísticos;
- b) *Análise inferencial*: na qual técnicas estatísticas são aplicadas para compreender informações populacionais a partir de uma amostra;
- c) *Análise exploratória de dados*: processo de exploração de dados para descobrir padrões e conexões.

5.3.3 Visualização de dados

Sobre o pilar final estabelecido por Dos Santos (2024), o autor afirma “Por meio da visualização de dados, os jornalistas podem apresentar informações complexas de maneira simples e atraente”. Ou seja, não é apenas uma questão de estética, mas um meio para contar uma história e transmitir informações relevantes ao público, auxiliando na identificação de padrões e tendências nos dados, além de tornar as informações mais acessíveis e interessantes.

Quanto às formas de visualização de dados mais utilizadas, se destacam: gráficos, mapas e infográficos. Os gráficos podem representar tanto dados numéricos quanto categóricos e possuem diversos tipos, que se encaixam melhor para os dados específicos que estão sendo representados, que são:

- a) *Gráfico de barras*: útil para comparar valores entre diferentes categorias
- b) *Gráfico de linhas*: melhor uso para demonstrar tendências e mudanças ao longo do tempo
- c) *Gráfico de pizza*: ideal para representar partes de um mesmo item
- d) *Gráfico de dispersão*: comumente usados para visualizar a relação entre duas variáveis.

Por sua vez, para representar informações geográficas, o uso de mapas é aconselhado. Através deles, o jornalista pode demonstrar fenômenos climáticos, populacionais, geológicos, criminais, dentre outros de uma cidade, estado ou país. Algumas das ferramentas que podem ser utilizadas para produzir esses mapas são o *Tableau* e o *Google Maps*.

Já para informações mais densas, o uso de infográficos é aconselhado, pois com sua combinação de gráficos, imagens e texto conseguem expor os dados de forma mais clara e concisa.

Os infográficos podem ser usados para apresentar informações complexas de maneira fácil de entender e podem ser usados em reportagens impressas ou online. (Dos Santos, 2024, p. 17)

O jornalista ao elaborar a forma como os dados vão ser vistos por seu público precisa levar em consideração alguns aspectos para garantir a clareza do que está sendo exposto. As cores selecionadas devem ser adequadas ao que foi exposto, em acréscimo a preferência por tons mais contrastantes, pois uma paleta mais equilibrada pode resultar em confusão do leitor. Sejam gráficos, mapas ou infográficos, o uso de

legendas também é essencial para que o público compreenda o que está sendo exposto a ele.

5.3.4 Como fazer uma boa reportagem através dos dados

Haddad (2023) afirma que as melhores reportagens produzidas através do JGD começam a partir de uma série de perguntas como “Quantas pessoas são afetadas por...” ou “Isso é um padrão?”, por exemplo. Além disso, o autor separou quatro tipos de narrativas jornalísticas que podem ser produzidas com o Jornalismo Guiado por Dados: interativas, complexas, investigativas e contextuais.

- a) *Narrativas interativas*: Envolvem o público, dando-lhe acesso ao conjunto de dados sobre o tópico, além das ferramentas para filtrá-lo de acordo com seu interesse. Através da interatividade, podem reacender o interesse em um assunto. No entanto, é preciso se esforçar para fornecer os dados dentro da própria narrativa, ao invés de expô-los de forma bruta.
- b) *Narrativas complexas*: a partir da interpretação e análise dos dados, jornalistas podem transformar um fato complexo, denso em informações, em uma narrativa “digerível” a seus leitores. Uso aconselhado para histórias envoltas em complexidade numérica.
- c) *Narrativas investigativas*: O jornalismo investigativo envolve a análise e pesquisa de grandes conjuntos de documentos ou conjuntos de dados, sejam eles documentos privados, registros governamentais, dentre outros exemplos. Por isso, muitos jornalistas investigativos utilizam do JGD para desempenhar tanto a extração quanto a análise de dados.
- d) *Narrativas contextuais*: atraem grandes audiências que buscam melhor compreensão ou contexto de um acontecimento ou notícia, contando uma história através dos dados. Em respeito aos critérios de noticiabilidade, essas histórias devem ser interessantes e atuais.

É importante notar que esses tipos de narrativas podem ser mesclados, uma matéria que conta uma narrativa contextual pode também trazer ferramentas interativas, por exemplo.

5.3.5 Contextualização de dados

No Jornalismo Guiado por Dados, a contextualização de informações desempenha um papel fundamental na produção de reportagens, afinal é um método que consiste, em boa parte, na análise e apresentação de dados. Nesse viés, Dos Santos (2024) mapeou alguns fatores que todos os jornalistas que utilizam o JGD.

Ao realizar uma investigação jornalística baseada em dados, é importante ter em mente que a transparência e a comunicação com o público são fundamentais. É preciso explicar claramente como os dados foram coletados e analisados, qual é a relevância dos resultados e como eles foram verificados. (Dos Santos, 2024, p. 20)

Por isso, jornalistas devem fazer o máximo para evitar interpretações equivocadas. Um erro que pode ocasionar essa consequência é a apresentação sem contextualizá-los, o que pode causar interpretações equivocadas da audiência.

Ademais, Gray *et al.* (2013) listou algumas formas de contextualizar as informações expostas em uma reportagem, que são:

- a) *Comparação*: Usar comparações internas e externas para fornecer uma perspectiva sobre os dados. Comparar gastos entre setores de uma prefeitura e comparar os gastos dessa prefeitura com os do governo nacional, são, respectivamente, exemplos de comparações internas e externas.
- b) *Proporção*: Apresentar os dados em relação a um todo para dar contexto. Por exemplo, ao produzir uma matéria sobre os números de gols de um jogador de futebol, é de bom tom apresentar também o número de chutes e/ou de partidas que esse atleta disputou.
- c) *Relações Geográficas/Históricas*: Fornecer dados comparativos e relacioná-los a contextos geográficos e históricos relevantes. Um caso dessa prática seria comparar o poder de compra do salário-mínimo entre décadas diferentes.

Dito isso, existem alguns empecilhos que podem dificultar a boa prática do JGD e a absorção do contexto apresentado à audiência da matéria. Para começar, é fundamental garantir as qualidades dos dados antes de usá-los em uma reportagem, Dos Santos (2024) afirma que uma forma de garantir a qualidade dos dados é retirá-los de fontes confiáveis e verificáveis, por meio da análise da metodologia utilizada para coletá-los.

Ademais, Gray (2013) expande que os dados devem ser tratados com ceticismo, afinal da mesma forma que podem moldar uma reportagem, eles podem restringi-la, seja pela subjetividade do tópico, o viés do responsável pela coleta daqueles dados ou do próprio repórter que os está expondo.

Questões como viés das informações são tópicos presentes quando falamos de análises esportivas, que abordam tópicos mais subjetivos como o motivo pelo qual uma equipe perdeu ou a melhor forma de utilizar um atleta em uma formação, por exemplo.

6 JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO E O COMENTARISTA

O jornalismo esportivo surge, no Brasil, por volta do início do século XX, em meio a dúvidas de seu sucesso. Coelho (2003) descreve como o sentimento majoritário quanto ao esporte no jornalismo era como um assunto menos importante, que nunca poderia ser o foco dos jornais da época.

A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia. (Coelho, 2003, p. 7-8)

Anos depois, é possível afirmar que os céticos estavam errados sobre o sucesso do jornalismo esportivo, evidenciado por sua presença em todos os meios de comunicação. Desde sites e canais de televisão dedicados apenas à cobertura esportiva, até as páginas dos remanescentes jornais impressos no país, esse segmento se transformou em uma parte importante para todo veículo jornalístico.

Com isso, somado à evolução e criação de novos meios de comunicação, o jornalismo esportivo passou por diversas mudanças ao longo de seus mais de 100 anos de existência no Brasil. Um exemplo disso é o comentarista esportivo, posição que já foi ocupada por cronistas como Nelson Rodrigues, que muitas vezes utilizavam uma linguagem mais romantizada, como Coelho (2003) destaca: “Os cronistas cuidavam mais do personagem e suas histórias, eventualmente romaneando-as”.

Atualmente, os comentaristas “romancistas” dividem espaços com aqueles mais analíticos, que por meio das ferramentas já apresentadas neste trabalho, podem fundamentar suas opiniões e análises sobre diversos aspectos de um determinado esporte.

A partir dessa premissa, o intuito desta etapa do trabalho foi mapear a trajetória desse setor jornalístico, como a evolução tecnológica afetou sua prática e como o comentarista esportivo foi afetado por esses aspectos.

6.1 A trajetória do jornalismo esportivo e do comentarista no Brasil

Como dito anteriormente, o jornalismo esportivo inicialmente não foi visto como algo importante. Ribeiro (2007) destaca que apenas uma pequena nota no Correio da Manhã existe como registro do primeiro jogo disputado entre as duas primeiras equipes de futebol do Rio de Janeiro: o *Paysandu Cricket Club* e o *Rio Cricket and Athletic Association*.

O autor expande que, durante a primeira década do século passado, as redações não estavam prontas para noticiar o esporte. Usando o futebol como exemplo, os “noticiaristas” escreviam textos objetivos que expunham o placar, local e resultado, a partir de informações cedidas por dirigentes e sócios dos clubes. Além disso, era comum que sequer saíssem das redações para acompanhar treinos ou partidas.

Assim como em São Paulo, jornalista esportivo não saía da redação, não ia aos treinos, ninguém entrevistava ninguém. Os repórteres mais atrevidos e que se sujeitavam a acompanhar os jogos de perto começavam também a dar tom crítico ao noticiário. (Ribeiro, 2007, p. 43)

O principal expoente do jornalismo esportivo nessa época, considerado um dos pioneiros deste setor, foi Mario Cardim. Filho de importante juiz federal, iniciou sua jornada na cobertura esportiva aos 18 anos, quando escrevia para o jornal O Estado de S. Paulo. Sua importância pode ser exemplificada por sua participação na cobertura do primeiro jogo entre representantes de São Paulo e do Rio de Janeiro e sua amizade com Charles Miller, considerado o pai do futebol brasileiro, da qual surgiram diversos esforços pela legitimação do esporte.

Além disso foi considerado por muitos anos o molde seguido pelas redações jornalísticas e teve seu livro, Guia de *Foot-ball*, usado como molde por seus colegas de profissão. No fim da década de 1910, o jornalismo esportivo já exigia presença nos jornais locais. Ribeiro (2007) explica “Noticiar futebol não era mais acaso, mas obrigação”.

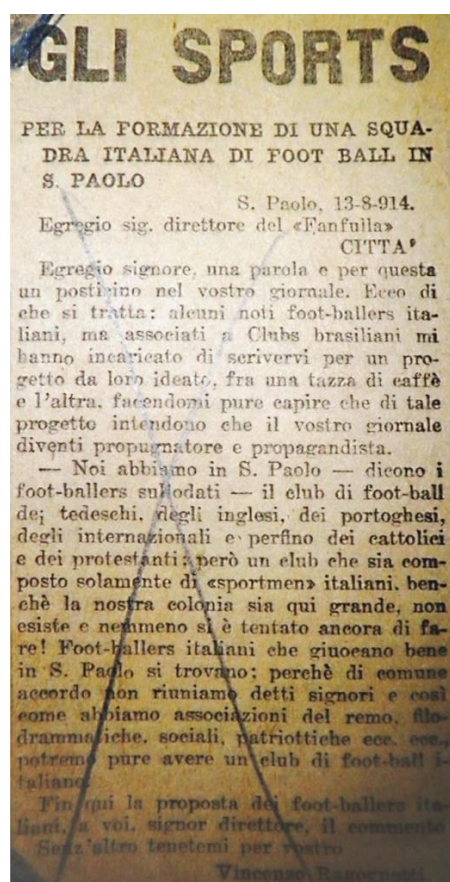
Pode parecer simplista reduzir o jornalismo esportivo à cobertura do futebol, no entanto o crescimento de ambos está interligado. Foi com a imprensa que o esporte

tentava ganhar espaço e respeito, enquanto foi com a crescente popularidade do futebol que o jornalismo esportivo fez o mesmo.

O impacto da mídia esportiva já podia ser sentido no final dessa década. Nesse período, o jornal paulistano *Fanfulla* dedicava páginas para a divulgação esportiva. O veículo, como seu nome em italiano sugere, era voltado aos imigrantes oriundos da Itália que residiam na capital paulista e sua importância no esporte brasileiro pode ser traçada às origens da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Coelho (2003) e Ribeiro (2007) apontam que por conta de uma carta publicada no jornal, alguns dos imigrantes italianos que liam o periódico decidiram fundar o clube esportivo Palestra (figura 9), que depois mudaria seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, durante a Segunda Guerra Mundial.

Figura 9 — Carta publicada no jornal *Fanfulla* responsável pela fundação do então Palestra Itália



Fonte: Museu do Futebol

Dessa forma, o esporte se consolidava na mídia até que, em 1931, surgiu o primeiro diário exclusivamente dedicado a cobertura esportiva: o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro. No entanto, apesar do interesse, as cadernetas cujo foco exclusivo

eram o esporte enfrentavam turbulência. Coelho (2003) expõe “durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade”.

Esses veículos sofreram com o preconceito classista de que apenas leitores de baixa renda se interessariam por cadernos esportivos, o que resultou no fim de vários jornais. Apenas no fim dos anos 1960 os grandes jornais esportivos se consolidaram na mídia impressa. Coelho (2003) destaca o Caderno de Esportes, de São Paulo, como uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Assim, o país entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.

Ao longo dessa jornada, a forma como o esporte era coberto também passava por mudanças. Foi no Rio de Janeiro, na década de 1950, que o jornalismo esportivo primeiro ganhou sua vertente mais romancista, devido a presença de cronistas como Nelson Rodrigues e Mário Filho.

Dessa forma, o jornalismo quebrava o molde de resumos de partidas e ganhava mais um nível de aprofundamento. Apesar de seu teor mais narrativo, é possível ligar a origem do comentarista esportivo ao trabalho desses cronistas. Com início na década de 1970, os textos priorizariam a realidade dos fatos e deixariam de ser, ao menos de forma majoritária, reconstituições românticas dos eventos.

Dito isso, a introdução do comentarista esportivo viria em outro meio de comunicação: o rádio. Durante a década de 1930, as partidas transmitidas pela rádio contavam com jornalistas da mídia impressa que, durante o intervalo, informava o placar, goleadores e outros dados estatísticos, em um resumo da partida até então. É notável que a transmissão esportiva atual possui um formato semelhante, em que durante os intervalos de uma partida de esportes como futebol, basquete ou futebol americano, por exemplo, os lances notáveis são exibidos e a equipe de transmissão dissecava o que aconteceu nessa etapa.

Migrando do rádio para televisão, o próximo acontecimento notório da jornada do comentarista pela história do jornalismo esportivo aconteceu em 1963, quando Grande Resenha Fácit, da Tv Rio, foi ao ar (figura 10). O programa de debate colocava grandes nomes da crônica esportiva para debater os clubes cariocas. A equipe contava com Nelson Rodrigues, José Maria Scassa, João Saldanha, Armando Nogueira e Vitorino Vieira. O programa foi um dos precursores do gênero mesa-redonda no jornalismo esportivo, que perdura até os dias de hoje.

Figura 10 – Programa “Grande Resenha Fácit”



Fonte: Site “O Curioso do Futebol”

Com base no apresentado, é possível traçar etapas importantes da história do jornalismo esportivo que viriam a moldar o papel do comentarista. Além disso, se torna evidente que, a introdução de novos meios de comunicação também significou novos espaços e funções para o comentarista, mas é importante explorar mais formas como a evolução tecnológica afetou a prática do jornalismo esportivo, principalmente do comentarismo.

6.2 Jornalismo esportivo e tecnologia: como os diferentes meios de comunicação afetam essa prática

Assim como as demais editorias de uma redação, o jornalismo esportivo também é afetado com a introdução de novas tecnologias. Para essa etapa do trabalho, foram segmentadas três categorias de acordo com os meios de comunicação (impresso, radiofônico e televisivo) com foco em ilustrar, com base na revisão bibliográfica, como cada uma influencia a linha editorial em questão.

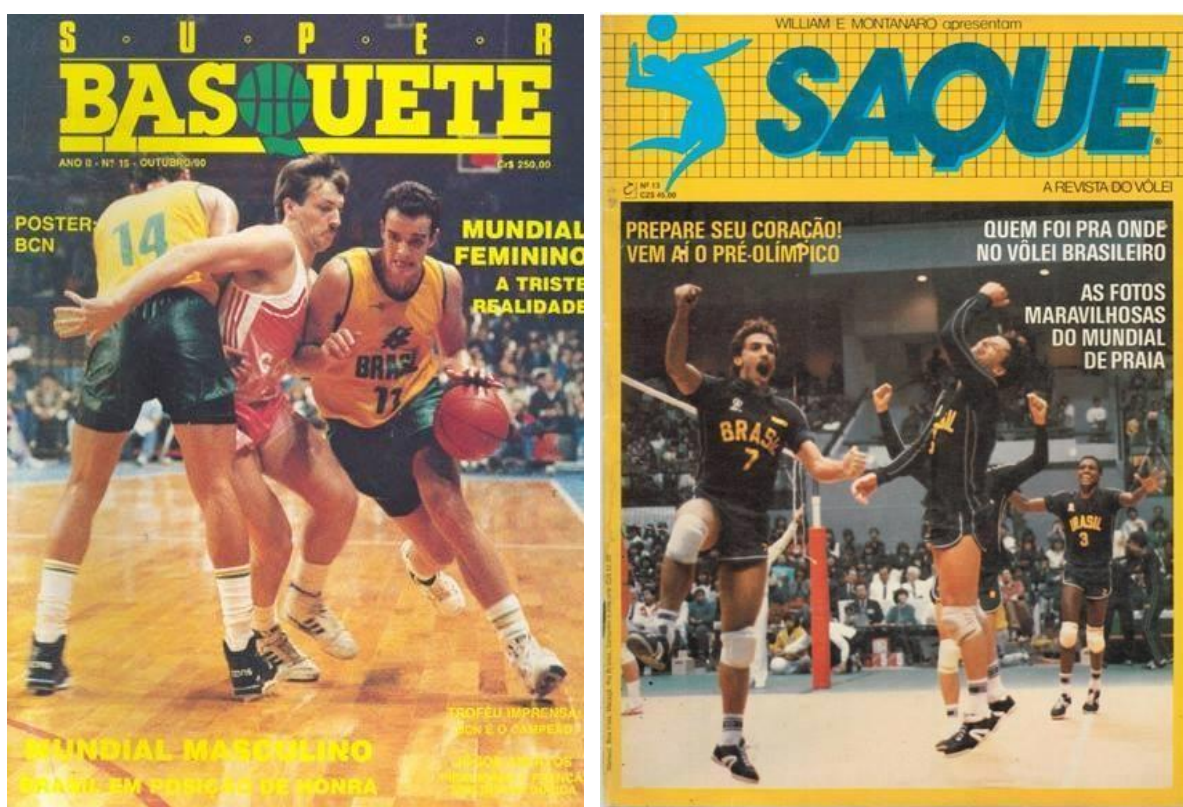
6.2.1 Jornalismo impresso

O meio de comunicação no qual o jornalismo esportivo iniciou. O jornalismo

esportivo impresso originário era composto majoritariamente a resumos de partidas e fichas dos atletas participantes, no entanto, graças ao interesse do público por materiais mais densos e com maior aprofundamento se expande às revistas e diários esportivos. De acordo com Nascimento (2002) Os principais aspectos que diferenciam esse meio de comunicação do jornal impresso são: mais liberdade em seu design gráfico e maior aprofundamento analítico no que publica, afinal as revistas não lidam com prazos diários.

Dessa forma, torna-se o espaço ideal para conteúdos mais segmentados, o que no esporte pode significar a cobertura de apenas uma modalidade. Silveira (2009) aponta “dedicam maior espaço para os chamados “esportes minoritários”, ou mesmo revistas dedicadas a um só esporte, direcionadas a um público ainda mais específico”. Exemplos desse fenômeno foram as revistas de curta existência Saque, de 1984, e a Superbasquete, de 1990 (figuras 11 e 12).

Figuras 11 e 12 — Capas de revistas



Fonte: Site “Sebo do Messias” e Facebook

Enquanto isso, a revista futebolística Placar (figuras 13 e 14), fundada em 1970, pode exemplificar a forma como as revistas abrem espaço para uma análise mais profunda, afinal, por diversas vezes a publicação elaborou volumes dedicados à análise de equipes, os jogadores que contrataram, estilo de jogo e uma tentativa de

previsão sobre seus desempenhos no campeonato, de acordo com os fatores anteriores.

Figuras 13 e 14 — Capa e material da revista Placar



Fonte: Site da revista Placar

6.2.2 Radiojornalismo esportivo

De acordo com Silveira (2009), o rádio é o meio que mais veicula esporte, além de possuir grande variedade em sua grade, desde programas de debate e entrevista, até transmissões ao vivo de eventos. Por consequência, o jornalismo esportivo na rádio é mais rápido que o impresso, afinal pode transmitir competições enquanto elas acontecem.

No entanto, houve a necessidade de lidar com uma questão: Como prender a atenção do público em uma transmissão de um evento que não podem ver? Camargo (2005) aponta que o rádio exerce a função de ampliar o imaginário do ouvinte, ou seja, supre a falta de imagens com narrações carregadas de emoção e com mínimo tempo de silêncio.

Uma consequência desse fenômeno é que diversos profissionais passaram a se tornar sinônimos da cobertura desportiva, graças a seus bordões e carisma. Ribeiro (2007) descreve como, por volta da década de 1980, o nome de narradores famosos tornou-se uma moeda de negociação com publicitários para as rádios.

Por sua vez, Alcoba (2005) coloca a aptidão do narrador de transmitir a emoção da competição apenas por seu timbre e entonação da voz como uma das 7 razões

para o sucesso das transmissões por rádio. As demais são: profissionalismo da equipe, visão mais imparcial, a capacidade do público de poder fazer outras coisas enquanto ouve, transmissões ao vivo e no local do evento, publicidades que pagam os custos das jornadas e possibilidade de transmitir eventos simultâneos que acontecem em locais diferentes.

No entanto, o radiojornalismo esportivo sofre com a falta de especialização, ainda mais que o impresso quando precisa noticiar eventos esportivos que não sejam ligados ao futebol. Nessas situações as redes tendem a convidar ex-profissionais ou treinadores do esporte transmitido (Silveira, 2009).

6.2.3 Telejornalismo esportivo

Apesar de não possuir a mesma velocidade de transmissão, a televisão mais que compensa com a mescla de imagens e som. Devido essa característica, narradores e comentaristas devem fugir do óbvio (Silveira, 2009), o que, por consequência, abre maior espaço para a presença de comentaristas, os quais expandem o evento transmitido com suas análises.

Assim como na rádio, o telejornalismo esportivo busca encantar seu público através de profissionais carismáticos, com locutores que buscam capturar as emoções do evento que estão transmitindo (Savenhago, 2011). Um profissional que por muitos anos foi a referência desse cenário foi o narrador Galvão Bueno, conhecido por seus bordões e por sua voz marcante, era sinônimo das transmissões da rede Globo de partidas da seleção brasileira de futebol masculino.

Por sua vez, comentaristas ficam com a função de analisar de forma mais especializada o que é transmitido, através de dados, perspectivas, história do confronto (Silveira, 2009), dentre outros. Além disso, podem criar um contraste interessante com o narrador, enquanto esse passa emoção e tenta canalizar os sentimentos dos torcedores que assistem, o comentarista atua como figura mais neutra que analisa com mais nuance o evento esportivo. Já os repórteres trazem entrevistas pré e pós jogo, além de detalhes notáveis apenas para aqueles à margem do campo, quadra, ringue, etc.

Adjunto a isso, esse meio de comunicação expande o espetáculo do esporte através de imagens inéditas e exclusivas, como filmagens em câmera lenta dos atletas, suas reações em campo e as reações torcida na arquibancada (Savenhago,

2011). O jornalismo esportivo na televisão apresenta formatos variados dos quais se destacam: entrevistas, mesa-redonda, e telejornais diários, como o Globo Esporte da Rede Globo e o SportCenter do canal ESPN (figura 15).

Figura 15 — Programa SportCenter da ESPN



Fonte: Reprodução da ESPN

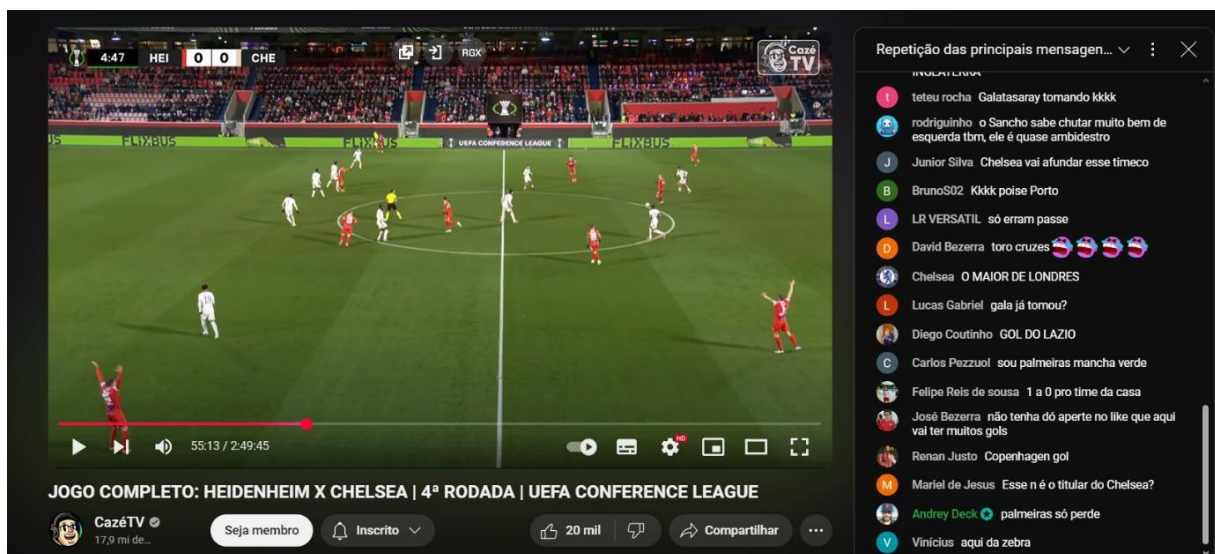
No entanto, Silveira (2009) afirma que o telejornalismo esportivo sofre da mesma escassez de especialistas para tópicos devido a grande diversidade de esportes, o que resulta na participação de ex-atletas, técnicos e outros personagens importantes da modalidade em foco. No entanto, Camargo (2005) aponta que, por conta da televisão fechada, a mudança na grade de programações de canais voltados ao jornalismo esportivo resultou na criação de programas voltados a diversos esportes e, por consequência, abriu as portas para novos analistas.

Quanto ao jornalismo esportivo na internet, esse não foi abordado com a profundidade dos demais por conta do entendimento que é uma mescla dos três anteriormente citados. De podcasts que utilizam técnicas do rádio, até as matérias escritas em portais e os recentes canais que transmitem eventos esportivos na plataforma digital YouTube, como a Cazé Tv e o Canal G.O.A.T, os quais utilizam técnicas da televisão, dentre elas: análises durante o intervalo de partidas, equipes formadas por locutor, comentaristas e repórter de campo e programas de debates.

As duas principais características que o jornalismo esportivo digital tem sob as demais modalidades são velocidade de informação e maior interatividade com o público (Silveira, 2009). As transmissões da Cazé Tv (figura 16) podem ser uma amostra de como a interação do público funciona na web, com os profissionais

monitorando o bate-papo ao vivo que os espectadores podem contribuir. Além disso, podem incentivar a participação de sua audiência através de enquetes que disponibilizam no mesmo bate-papo.

Figura 16 — Transmissão ao vivo do canal no YouTube CazéTV



Fonte: Reprodução do YouTube

6.3 Papel do comentarismo esportivo e como deve ser feito

A função de comentarista não é exclusiva ao esporte, de acordo com Marques de Melo (1985), a função está disponível aos jornalistas que possuem grande experiência em determinado assunto, o que faz com que sejam procurados e divulguem suas análises. “Suas avaliações da conjuntura são buscadas porque o cidadão quer saber como comportar-se diante dos acontecimentos” (Marques de Melo, 1985).

O comentarista esportivo tem o papel de permitir a quem o assiste que acompanhe o evento exibido de forma diferenciada (Rangel, 2006). Para isso, deve analisar desde a função que os atletas exercem, o plano tático imposto, as mudanças que o técnico faz e tentar antever o que cada um desses fatores pode ocasionar.

O comentarista está ali para traduzir e explicar o porquê desta ou daquela medida, bem como desconstruir a “natureza” dos fundamentos postos em prática através do discurso dos técnicos e dos desempenhos dos atletas. Tentam desvendar, por fim, os “segredos”, muitas vezes ocultados nos treinos, para a demanda mais geral de torcedores (Toledo, 2000).

Ou seja, o papel do comentarista é analisar o que está na sua frente com a nuance que o público e demais membros da transmissão não conseguem. Por isso, essa função deve ser realizada por especialistas, profissionais que tenham estudado

o esporte ou vivido ele, como ex-atletas e técnicos. No entanto, deve repassar seu conhecimento e forma acessível, evitando o risco de soar pedante. Rangel (2006) explica que a análise ideal agrada os torcedores, mas sem chatear os não conhecedores do tópico, além disso, a autora defende que os comentários devem ser simples e didáticos.

Entender o público para o qual se fala também é papel importante do analista, um jogo da Copa do Mundo da FIFA em canal aberto vai muito além da audiência futebolística média. Por sua vez, uma transmissão em canal fechado de um esporte mais nichado, como o Beisebol no Brasil, tende a ter um público que já entende sobre o assunto e permite maior abertura para uma análise mais complexa.

Dito isso, comentaristas estão sujeitos a errar, afinal não importa o quão bem fundamentada é uma análise, o esporte possui um teor de imprevisibilidade que também faz parte de seu encanto. “Se o esporte fosse previsível não teria o interesse que tem” (Rangel, 2006). Dessa forma, é aconselhável que, em caso de erro, o comentarista assuma a falha, assim passa um ar de humildade a quem o assiste.

Quanto aos motivos que podem causar essas falhas, o “clubismo” ou qualquer outra forma de viés devem ser reduzidos ao máximo, caso o intuito seja uma boa análise. Para Coelho (2003) existe uma contradição que os apaixonados pelo esporte, que cresceram rodeado por ele, podem estar propícios ao erro justamente porque nega a apuração em prol do conhecimento que acredita já possuir.

Dessa forma, mais e mais jornalistas que trabalham na área têm assumido os clubes que torcem, como uma atitude de transparência para sua audiência. Uma consequência desse fenômeno é que esses profissionais ganham um aspecto de autoridade ainda maior para analisar o seu clube do coração, assim se tornam referências para o público que busca se informar.

No entanto, a abertura sobre as preferências do profissional, somado ao cenário da televisão, rádio e da internet, em que se busca prender a atenção do público através da espetacularização e emoção, pode acarretar no prejuízo das análises formuladas. Para aprofundar essa afirmação, antes é necessário explicar o conceito de “leifertização”. O termo surge com base na popularização de um tipo de infotainment no jornalismo esportivo e o associa ao jornalista Tiago Leifert, que apresentava o Globo Esporte São Paulo.

Com Leifert na apresentação, o programa da Rede Globo passou por alterações, com destaque preferência do improvisado à linguagem engessada pelo teleprompter (Oselame, 2010). Para o apresentador o jornalismo esportivo estava sem emoção, enquanto o interessante do esporte é que ele diverte.

Jornalismo esportivo é uma coisa sem vida, sem emoção, sem paixão, isto está na matéria do exame de doping, em uma briga de torcida. Mas o esporte é legal porque ele diverte, ninguém assiste ao jogo do Corinthians para se informar, assiste para se divertir, para torcer, xingar o juiz (Leifert, 2009, apud Rangel, 2010).

Soma às práticas de canais como o então chamado de Esporte Interativo, atual TNT Sport, que buscou formas de fazer com que a própria transmissão seja uma espécie de espetáculo (Oliveira, 2013), através do humor, uso de bordões e interatividade, além dos canais na web da mesma linha. Para o comentarismo isso significou uma priorização por argumentos que gerassem engajamento, ao invés de análises mais profundas.

No entanto, Rangel (2006) denuncia que o comentarista não deve exercer função de palhaço, ao levantar debates vazios que resultam na repetição de um lance específico ad nauseam, apenas parar acender o debate por meio de uma polêmica vazia. Em acréscimo, em prol do espetáculo, comentaristas que tem clubes assumidos deixam de agir como analistas e passam a se comportar como torcedores. “Torcedor torce. Comentarista comenta” (Rangel, 2006).

Isso não quer dizer que o sentimento não faça parte do jornalismo esportivo, ela apenas não pode se sobressair diante da informação, em vista que ainda se trata de um ramo do jornalismo. É nessa balança que a análise de dados feita por comentaristas deve se encaixar.

Diante disso, foi realizada a análise de dois programas esportivos, Fred e Bechler Explicam e Donos da Bola, a partir deles o trabalho buscou avaliar como os comentaristas abordaram o mesmo tópico, o desempenho da seleção brasileira de futebol masculino no final de 2024. A análise a seguir levou em conta como os dados foram expostos, analisados e debate levantado pelos a partir desse processo

7 ANÁLISE DOS PROGRAMAS “OS DONOS DA BOLA” E “FRED E BECHLER EXPLICAM”

7.1 Análise “Os Donos da Bola”

“Os Donos da Bola” é um programa do gênero mesa-redonda transmitido pelo canal Bandeirantes. Iniciado em 2012, tem como foco o futebol e tem como apresentador José Ferreira Neto, conhecido como Craque Neto, ex-jogador profissional de futebol. O programa se destaca pela presença de ex-atletas em seus debates e pelo tom mais descontraído.

O episódio escolhido foi ao ar no dia 15 de novembro de 2024 e contou com a participação de Dirceu Maravilha, narrador e comentarista, Wagner Fernando Velloso, ex-goleiro e treinador de futebol, e Willamis de Souza Silva, ex-futebolista. O tópico principal debatido foi a performance da seleção brasileira de futebol masculino nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026, que empatou com a Venezuela na última partida antes da gravação do programa.

O primeiro ponto notável é o tom de voz ríspido de Neto, o apresentador iniciou o programa com o questionamento do porquê de jogadores que se destacam no futebol nacional não serem convocados para defender a seleção. No entanto, nenhum dado é usado para corroborar a noção de que esses atletas deveriam ser chamados.

Tabela 4 — Citação de José Ferreira Neto no canal do YouTube

	José Ferreira Neto em “Os Donos da Bola”
1:17 a 1:37	“Como é que pode por exemplo é não dar oportunidades para jogadores que estão arrebatando? Como o Gabigol né? Alan Patrick, como... Como Alan, como Marlon Freitas...”

Fonte: Autores

De acordo com o site Ogol, o atacante Gabriel Barbosa, apelidado Gabigol, marcou 8 gols em 38 partidas disputadas. Esses números apontam uma baixa de rendimento do atleta que na temporada anterior participou de mais jogos (58) e fez mais gols (20). O exemplo citado demonstra que o ponto levantado pelo comentarista é produto de um viés pessoal, ao invés de ser resultado de uma análise mais minuciosa.

A seguir, por volta do minuto 5:03 até 5:53, Neto utilizou linguagem adjetivada, com termos como medonho e feio. A partir dessa etapa do programa, a tese do

apresentador é que uma das razões para a queda de rendimento da seleção é a convocação de atletas que atuam em equipes menores da Europa, ao invés daqueles que defendem as principais equipes do Brasil. No entanto, mais uma vez não apresenta informações que corroborem que sua opinião. Na realidade, é visto que o comentarista utiliza de linguagem declarativa e inflamatória, algo desaconselhável.

Tabela 5 — Citação de José Ferreira Neto no canal do YouTube

	José Ferreira Neto em “Os Donos da Bola”
5:03 a 5:53	“Que é um futebol tão medonho, mas tão feio... Aí bota Lucas Paquetá, bota o Estevão 90 minutos... Pô cara, sabe qual é o time que seleção brasileira devia jogar? Sabe quem? John ou Hugo, convoca o Yuri Alberto, convoca o Rafael, convoca o Marlon Freitas, convoca o Luis Henrique, convoca o Igor. Chega desses caras da Europa que é tudo ‘timinho’ pequeno, Paris Saint Germain, time pequeno! Chega de Marquinhos, chega de Danilo, chega de Wendell. Bota Gerson, Bota Marlon Freitas, Bota Rafael Veiga, Bota Yuri Alberto. Essa vergonha que ‘tá’ aí!”

Fonte: Autores

A linha argumentativa seguiu dessa forma, com o apresentador questionando as lideranças da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e aqueles que apontam Neymar como a resolução dos problemas da equipe. A seguir, dos 14:30 aos 14:50 Dirceu Maravilha inicia sua opinião sobre o jogo e aponta os jogadores que não performaram.

Tabela 6 — Citação de Dirceu Maravilha no canal do YouTube

	Dirceu Maravilha em “Os Donos da Bola”
14:30 a 14:50	“Eu não gostei desse lateral Vanderson, fraco, Abner, fraco, não jogou absolutamente nada, o centroavante ontem, o Igor Jesus, não fez nada. Aliás, de tudo, tudo...se formos analisar o Vini Jr. não foi de todo ruim, mas ele não é o mesmo jogador que joga no Real Madrid.”

Fonte: Autores

Após uma conversa descontraída, de teor mais cômico, entre os membros do programa, Neto chama a equipe de produção para apresentar uma tabela que compara os jogadores Gabriel Martinelli, Savinho e Estevão. O intuito de exibir essas informações era justificar qual dos três jogadores merecia mais a convocação e

minutos de jogo. Os elementos comparativos apresentados foram: jogos, gols e assistências e a tabela apresenta legendas simples e cores que contrastam de forma que a visualização é ideal (figura 17).

Figura 17 — Tabela com números de Martinelli, Savinho e Estêvão



Fonte: Reprodução do Youtube

Todavia, ao equiparar esses dados, não foram levados em conta diversos aspectos como: nível do adversário que os atletas enfrentaram, minutagem em campo, nível do elenco com qual jogam, idade, números de jogos já disputados pela seleção, dentre outros. O resultado é uma tabela que, apesar de fácil compreensão e com dados principais, resulta em uma análise rasa. Em colaboração a isso, dos 19:09 até 19:23, para que apenas os atletas sejam levados em conta, seguido de uma declaração inflamatória sobre o “tamanho” dos clubes.

Tabela 7 — Citação de José Ferreira Neto no canal do YouTube

	José Ferreira Neto em “Os Donos da Bola”
19:09 a 19:23	“Não enxerga o Arsenal, não enxerga... Onde é que joga esse tal de Savinho? Manchester City, legal. Não enxerga ‘Ah o tamanho’, que por sinal o Palmeiras é maior que os dois juntos.”

Fonte: Autores

Depois disso, os comentaristas utilizam esses números como uma das bases para entrar em acordo sobre o fim da época em que os melhores jogadores estavam, necessariamente na Europa.

Tabela 8 — Citação de Willamis de Souza Silva no canal do YouTube

	Willamis de Souza Silva em “Os Donos da Bola”
24:23 a 24:31	“Antigamente, se pensava “os melhores jogadores brasileiros estão lá fora”, antigamente até tinha isso, isso antigamente sim, mas hoje mais não.”

Fonte: Autores

O programa seguiu com mais discussões sobre as convocações do técnico Dorival Júnior, a falta de centroavantes na seleção um compilado de gols do Estevão na temporada. O próximo uso de dados no debate sobre a situação da equipe nacional brasileira aparece nos 33:55 sobre o desempenho de Vinícius Jr. com seus números pelas eliminatórias para a Copa do Mundo FIFA de 2026 (figura 18). Durante o tópica seleção brasileira, esse foi o melhor uso de dados para sustentar a análise, pois se limita a uma amostra bem fechada que busca apenas evidenciar as partidas ruins do jogador.

Figura 18 — Tabela com os jogos, gols e assistências de Vini Jr. nas eliminatórias



Fonte: Reprodução do Youtube

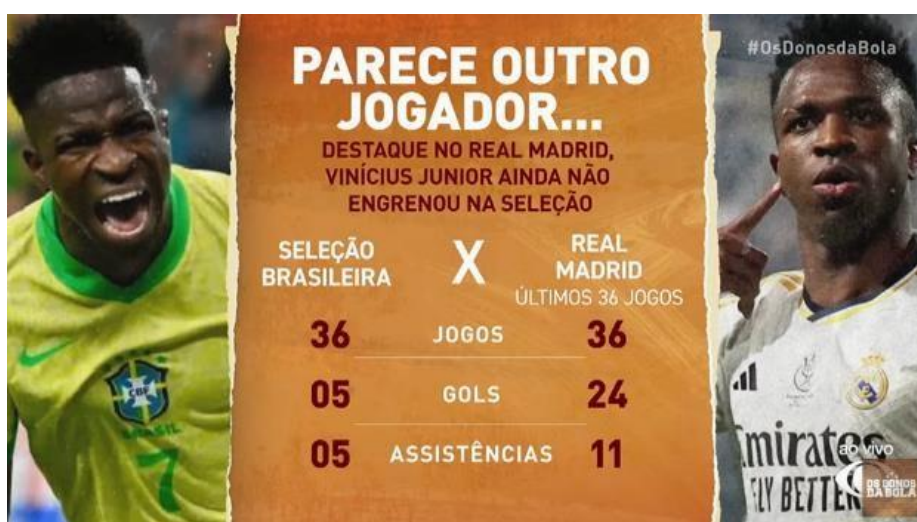
Por fim, concluem o debate na minutagem 38:40, com uma nova tabela exposta, dessa vez comparando o desempenho de Vini Jr. pela Seleção e pelo Real Madrid. Novamente é um gráfico que apresenta os números de partidas, e assistências, mas apenas de um único atleta. Mais uma vez, a tabela foi apresentada de maneira que o telespectador consiga entender sem muitos problemas (figura 19).

Em uma tentativa de equiparar os dados, a amostra selecionada limitou-se aos últimos 36 jogos de Vinícius Jr. pela equipe espanhola, por se tratar do mesmo número que disputou pelo time nacional. Porém, novamente, é possível diagnosticar algumas falhas na escolha das informações a serem analisadas, a principal é que existe uma

diferença de minutagem e de amadurecimento do atleta nessas 36 partidas. O primeiro jogo disputado que o ponta disputou pela seleção foi em 2019, quando tinha 19 anos e ficou em campo por 16 minutos.

Por sua vez, a outra amostra é de um atleta que tem, por volta, de 23 a 24 anos, além de uma média de 72 minutos em campo por partida na temporada 23/24 na La Liga, campeonato espanhol de futebol masculino. A falta de contextualização entre os dois períodos da carreira desse jogador deturpa a análise de informação, o que aponta falha na seleção do que seria analisado.

Figura 19 —Tabela que compara o desempenho de Vini Jr pela seleção e Real Madrid



Fonte: Reprodução Youtube

Durante os últimos 40 minutos do programa o assunto varia entre brincadeiras sobre o significado de termos futebolísticos e um novo debate, dessa vez sobre o Sport Club Corinthians, que não foi abordado com mais detalhes pois diverge do tópico do outro programa o qual está sendo comparado.

A análise demonstrou que “Os Donos da Bola” apresenta qualidades positivas quanto a base comentarista do programa, como a presença de ex-atletas e outros profissionais do jornalismo para fornecer uma visão mais aprofundada do futebol. Todavia, apesar das tabelas bem formadas, com boa escolha de legendas e cores para fácil compreensão do público, não soube contextualizar bem os dados. Essa crítica se baseia na comparação de atletas em cenários diferentes e até do mesmo atleta, mas em períodos diferentes da carreira.

7.2 Análise “Fred e Bechler Explicam”

O programa “Fred e Bechler Explicam” faz parte da grade do YouTube do TNT Sports e é do gênero de debate, mas não necessariamente de mesa-redonda por ser apresentado por apenas duas pessoas, servindo mais como um diálogo. Seus apresentadores são os jornalistas: Frederico Caldeira e Marcelo Bechler. O episódio destacado foi postado em 8 de outubro de 2024 sob o título “POR QUE QUASE NINGUÉM JOGA BEM NA SELEÇÃO BRASILEIRA?”.

Como o título sugere, a análise apresentada tem como foco determinar quais jogadores performaram negativamente pela seleção, mas já diverge do outro material analisado por tratar o tema de quais jogadores estão performando de forma negativa como uma hipótese a ser comprovada. Além disso, iniciou o vídeo com a afirmação por Caldeira que a análise foi feita com embasamento em dados e estatísticas.

Tabela 9 — Citação de Fred Caldeira no canal do YouTube

	Fred Caldeira em “Fred e Bechler Explicam”
1:26 a 1:55	“Pois bem minha gente, é... Aqui a gente vai trazer alguns números, algumas estatísticas para fazer a base da linha das nossas argumentações aqui. Para tentar, Marcelo, acho que a primeira missão que a gente tem no vídeo de hoje é tentar determinar o que é fato né? Qual o jogador realmente está pior na seleção do que no clube, ou contrário, né? Também pode haver exemplos nesse sentido ou que é uma sensação que talvez não... Não tenha correspondência nos fatos.”

Fonte: Autores

Os primeiros jogadores destacados foram Vinicius Jr, Raphinha e Rodrygo, para os quais foram escolhidos a amostra de partidas disputadas desde a temporada 22/23. Apesar de parecer uma amostra grande, o que pode vir a prejudicar a análise, Bechler explica os motivos por trás dessa decisão. Dentre eles, o comentarista citou a transferência de Raphinha ao Barcelona, o ganho de maior protagonismo de Vinicius Jr. e Rodrygo, ponta brasileiro que também atua pelo Real Madrid e os períodos pré e pós Copa do Mundo FIFA de 2022.

Em seguida, tabelas foram apresentadas com estatísticas dos 3 jogadores, estas foram: número de jogos, número de participações em gols e média de participações em gols por jogo (figuras 20, 21 e 22). A forma como esses dados são expostos foi feita de forma correta com legendas e escolha de cores que facilitam a leitura. Por sua vez, a escolha por mostrar os números dos desportistas por seus clubes e pela seleção, durante o mesmo

período, faz com que ambas as performances se tornem mais bem equiparadas.

Além disso, optar pela média de participações em gols também ajuda a melhor comparar performances pela seleção e por times devido a diferença de partidas disputadas.

Figuras 20, 21 e 22 — Números dos jogadores em cada atuação



Fonte: Reprodução Youtube

Após essa etapa, a partir dos 4:54, os dois comentaristas passam a analisar demais atletas da seleção (figuras 23, 24 e 25). Fred explicou que para os demais, em prol da simplicidade e fácil entendimento, foram escolhidas as notas dos atletas no Sofascore, ao invés de estatísticas separadas. Enquanto a análise perde pela não demonstração de dados mais complexos, um dos elementos que o comentarista deve balancear com a informação é a capacidade de compreensão de sua audiência.

Figuras 23, 24 e 25 — Comparação de notas médias Danilo, Gabriel Magalhães e Marquinhos



Fonte: Reprodução Youtube

Com todos esses dados expostos, no minuto 6:49, Caldeira os utilizou para afirmar que cada caso possui nuances próprias, mas existe um padrão notável (tabela 10).

Tabela 10 — Citação de Fred Caldeira no canal do YouTube

	Fred Caldeira em “Fred e Bechler Explicam”
6:49 a 7:05	“Cada caso é um caso, Bechler, mas existe aí um padrão que a gente vê que o coletivo da seleção brasileira e várias individualidades não apresentam o futebol minimamente suficiente para que a gente consiga passar da quinta colocação das eliminatórias, por exemplo, e para causar boas sensações né.”

Fonte: Autores

Então, os apresentadores levantaram a hipótese que seria esperado que os atletas piorassem ao jogar pela seleção, devido o menor tempo de preparo ao estilo de jogo e companheiros de elenco. Dito isso, também afirmam que o domínio esperado da seleção brasileira não corresponde aos números expostos.

O programa seguiu com o levantamento de teorias pelos jornalistas para qual seria a melhor forma de utilizar as peças que a seleção tem, além de apontar que, apesar da situação precária da CBF dentro e fora de campo, já era esperado que Vinícius Jr., por ser o referencial do elenco, já tivesse demonstrado resultados.

Com base no exposto, Bechler apontou que uns dois principais problemas para as partidas ruins dos esportistas e a diferença como são utilizados por seus técnicos em clubes e pelo da seleção. Vale ressaltar que durante o episódio ambos apresentam um tom mais sereno, condizente com o teor mais explicativo do programa.

Tabela 11 — Citação de Marcelo Bechler no canal do YouTube

	Marcelo Bechler em “Fred e Bechler Explicam”
14:07 a 14:34	“Talvez não seja pro Bruno Guimarães, talvez seja pro João Gomes, talvez seja pro Danilo, talvez seja para outro. É... Mas como a seleção não sabe o que quer fazer, aí ela vai pros nomes, aí ela coloca os melhores jogadores em cada posição, ainda que sejam peças que não se encaixem. Por mim... Para mim é por isso que o Bruno não joga, por isso o Rodrygo não joga, por isso que o Vinícius não joga, por isso que ninguém joga bem na seleção.”

Fonte: Autores

No decorrer do programa, houve mais apontamentos sobre as possíveis

causas para a diferença de qualidade dos atletas por seus times e pela equipe nacional, com os destaques para:

- a) A má gestão do presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues
- b) O trabalho fraco do técnico da seleção, Dorival Júnior
- c) A espera mal-sucedida pelo técnico Carlos Ancelotti para assumir o cargo de treinador
- d) O número de mudanças no cargo de treinador da equipe nacional

Destaca-se que os comentaristas discordaram em algumas etapas. Caldeira colocou foco maior no presidente da confederação que Bechler, que optou por criticar mais o trabalho que julgou fraco de Dorival Júnior. Opiniões contrárias em um programa de debates são comuns. Em acréscimo, como os argumentos tiveram espaço para serem feitos e desenvolvidos, o programa exibiu uma análise mais completa à sua audiência.

Por fim, a parte de análise do programa encerrou com o questionamento: “Será que a seleção brasileira é uma boa para os jogadores?”. Para responder, Bechler utiliza de sua autoridade como alguém que trabalha e, conseqüentemente, acompanha o esporte (tabela 12).

Tabela 12 — Citação de Marcelo Bechler no canal do YouTube

	Marcelo Bechler em “Fred e Bechler Explicam”
22:06 a 22:35	“E aqui a gente entra na... Na última questão que a gente preparou pro programa, que é: será que a Seleção Brasileira hoje é uma boa para os jogadores? Nós que estamos aqui, que convivemos razoavelmente com esses caras, de acompanhar os passos deles e todas as declarações e declarações não verbais, porque às vezes o cara não precisa dar uma entrevista, mas você vê a felicidade de um post quando o cara é convocado e tal. Eu não tenho dúvida de que eles adoram a Seleção Brasileira.”

Fonte: Autores

O tempo restante de programa é do quadro *Out of Context*, em que os comentaristas expõem situações um pouco fora do tópico, mas que acreditam ter valor de entretenimento. Após a conclusão, a análise feita constatou que o episódio se tratou de uma narrativa contextual que soube mesclar o conhecimento já atribuído a figura do especialista, que é o comentarista, a análise de dados.

Apesar de ter optado por uso de dados mais simples, a escolha pela nota

Sofascore, além dos dados mais completos que trouxeram, sustentaram os argumentos que a tese inicial que é a queda de rendimento dos jogadores de futebol ao atuarem pela seleção. Quanto à forma como os dados foram expostos, as legendas e quadros que destacavam as informações auxiliaram o público a absorvê-las.

8 CONCLUSÃO

Quanto à presença da análise de dados no jornalismo esportivo e como o papel do comentarista se adaptou às informações e ferramentas à sua disposição, a examinação do material separado permitiu constatar o seguinte:

Os dois programas analisados se diferenciam em linguagem e, principalmente, na utilização dos dados. “Os Donos da Bola” reúne em sua maioria ex-atletas com objetivo de criar um programa com foco maior no entretenimento do que na informação. No entanto, ainda existe uma tentativa de fundamentação de certas opiniões, como a preferência por determinados atletas e o julgamento de negativo do desempenho de outros.

Sobre o uso de dados, o ponto positivo foi a sua apresentação. No entanto, quando utilizada as normas de técnicas de jornalismo baseadas na análise de dados, como o JGD, o programa cometeu algumas atitudes criticáveis, principalmente quanto à contextualização dos dados.

Por sua vez, o episódio de “Fred e Bechler Explicam” introduz uma linguagem mais explicativa e maior embasamento em estatísticas para fundamentar suas opiniões, apesar de algumas teorias levantadas se sustentarem na “autoridade” que possuem como comentaristas. Os dados foram expostos corretamente com legendas de fácil leitura e com uma amostra que contextualiza os pontos abordados pelos dois. Além disso, ao utilizarem dados mais abrangentes, tiveram a preocupação de retirá-los de uma fonte confiável e em prol da experiência da audiência, que podia se perder com o uso de estatísticas mais densas.

Ao contrapor os episódios de ambos os programas, foi possível constatar a presença de dados em ambos. Ademais, foi possível ver a amplitude da área do comentarismo esportivo. De um lado, Neto e sua equipe preenchem um nicho demográfico de ex-atletas que usam de sua expertise e personalidades chamativas para criar debates que chamam a atenção do público. Já do outro, Fred e Bechler são

exemplos de uma vertente cuja análise não se baseia em experiências no campo, mas de estudos sobre o futebol.

Quanto a esse grupo, foi evidenciado que é o que possui mais tato com o uso e análise de dados, pois ambos souberam criar uma amostra mais bem detalhada e mais congruente com o ponto que expunham. Por sua vez, também foi notado a partir de “Os Donos da Bola”, que comentaristas mais “boleiros” também utilizam esses elementos informativos, mas não com a mesma qualidade como os que estudam a melhor forma de usá-los aconselham.

Isso aponta é que a maior facilidade em obter tais dados, somado a maior demanda do público, que por si só já tem acesso a um grande número deles, não só criou um segmento mais analítico do comentarismo esportivo, mas afetou também a prática dos comentaristas ex-atletas.

Foi notável durante a pesquisa que o tema deste trabalho se dirige a inovações e adaptações nos próximos anos. Afinal, com os sites dedicados ao registro de dados do esporte, somado a redes sociais e demais portais de debates entre usuários interessados nesse tópico, um novo público tende a surgir. O qual não estará apenas interessado no entretenimento do esporte, mas no conhecimento cada vez mais profundo.

Assim, mais jornalistas esportivos devem buscar técnicas que facilitem a busca, interpretação e exposição de dados, o que significa mais profissionais que utilizam de práticas como o Jornalismo Guiado por Dados.

Consequentemente, este trabalho se demonstra inovador por abordar um tópico em crescente que, no entanto, ainda não possui grande catálogo de pesquisas sobre. Em meio ao processo de sua escrita, foi percebido que quanto ao jornalismo esportivo, principalmente o comentarismo, os estudos se voltam a um lado mais focado na mescla de entretenimento e informação e estigmas sociais históricos que a área, infelizmente, ainda possui, como questões de gênero e afins. Portanto, com sua conclusão, novos materiais poderão ser produzidos a partir de sua base ou pela segmentação de seus tópicos.

Este trabalho delimitou alguns fatores sobre o tópico, com a evolução e teor cada vez mais acessível dos dados, futuros textos poderão abordar de forma mais crítica como o segmento analítico do jornalismo esportivo, principalmente o futebolístico por conta de seu tamanho na mídia brasileira, utiliza essas informações.

Adicionalmente, este TCC não apresentou entrevistas com jornalistas sobre os temas debatidos por conta de dificuldades de agendamento e disponibilidade dos entrevistados. Dessa forma, textos que o seguirem podem se aprofundar nas experiências dos profissionais que experienciaram essas adaptações do comentarismo ou da introdução de novas práticas de análise de dados no jornalismo.

Por fim, o esporte, qualquer que seja, passa por mudanças. Regulamentos, uniformes, táticas e posições mudam e a comunicação não é diferente. Seja pela exigência de seu público ou pela evolução tecnológica, é dever de todo jornalista, sem importar a editoria, se adaptar ao mundo em sua volta.

REFERÊNCIAS

ARTHUR, Charles. Analysing data is the future for journalists, says Tim Berners-Lee. 2010. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2010/nov/22/data-analysis-tim-berners-lee/>> Acesso em: 26 dez. 2024.

BELL, Melissa. What is data journalism?. 2015. Disponível em: <<https://www.vox.com/2015/2/4/7975535/what-is-data-journalism>> Acesso em: 28 dez. 2024.

BERRET, PHILLIPS. **Teaching Data and Computational Journalism**. Nova Iorque: Columbia Journalism School, 2016.

BEZERRA, Patrícia. **O futebol midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. 2008. 151 p. – Comunicação/jornalismo - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2008

BILO, Henrique et al. Jornalismo de Dados: transformação digital na produção de notícias. In: **WORKSHOP SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA COMPUTAÇÃO NA SOCIEDADE (WICS)**, 4. , 2023, João Pessoa/PB. Anais. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023 . p. 99-106. ISSN 2763-8707.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA)**. [Brasília]: SVSA, [2024]. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2024/be_hansen-2024_19jan_final.pdf. Acesso em: 27 dez. 2024

CAMARGO, Vera Regina. **O pensamento de Antonio Alcoba e sua importância na trajetória dos estudos e pesquisas sobre o Jornalismo Esportivo no Brasil**. Palestra apresentada no NP18 – Comunicação e Esporte no V Encontro de Núcleos e Pesquisa da Intercom, 2005. Documento eletrônico disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-1.pdf>>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2025.

COELHO, P.V. **Jornalismo Esportivo**. 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 2003.

COX, M. **The development of computer-assisted reporting**. artigo. Departamento de Comunicação. Universidade de Miami. Miami, p. 22. 2000.

CRUCIANELLI, Sandra. **Introdução al periodismo de datos: Cómo encontrar y procesar grandes Volúmenes de informacion**. Austin/TX. Knight Center, 2021. Disponível em: <<https://test-journalismcourses.pantheonsite.io/course/introduccion-al-periodismo-de-datos-como-encontrar-y-procesar-grandes-volumenes-de-informacion/>>. Acesso em: 22 nov. de 2024.

DOS SANTOS. M.C. . **Introdução ao Jornalismo Guiado por Dados (JGD)**. São Luís, Maranhão. Ed: do Autor, 2024.

GRAY, Jonathan; CHAMBERS, Lucy; BOUNEGRU, Liliana (orgs.). **Manual de jornalismo de dados**: como os jornalistas podem usar dados para melhorar suas reportagens. São Paulo: Abraji/EJC, 2013.

HADDAD, M. 2023. How to produce data-based stories. **Aljazeera Media Institute**. Doha. Disponível em: <<https://institute.aljazeera.net/en/ajr/article/2106>>. Acesso em: 20/04/2024

HOLOVATY, Adrian. A fundamental way newspaper sites need to change. **Holovaty.com**, 6 de set. de 2006. Disponível em <<https://www.holovaty.com/writing/fundamental-change/>>. Acesso em: 5 de dez. de 2024.

HOWARD, Alexander Benjamin. . **The arts and science of data-driven journalism**: When journalist combine new technology with narrative skills they can deliver context clarity and a better understanding of the world around us. [s.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <<https://internews.org/wp-content/uploads/legacy/resources/Tow-Center-Data-Driven-Journalism.pdf>>. Acesso em: 26 de dez. de 2025

KOVACH, ROSENSTIEL. **Os elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber o público exigir. Trad. Wladir Dupont. 2 edição. São Paulo. Geração Editorial, 2004. p 302.

MUSEU DO FUTEBOL. Museu do futebol: c2025. página carta de fundação. Disponível em: < <https://app.museudofutebol.org.br/roteiro-do-palmeiras/c/0/i/16010507/carta-para-fundacao>>. Acesso em: 23 de jan. de 2025.

NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

SAVENHAGO, I. J. S. . **Futebol na TV**: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. VERSO E REVERSO. **Revista Verso e Reverso**, São Carlos, São Paulo, v. 25 n. 58: Ano XXV - 2011/1, 22-31, 04/2011.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. 2009. 91f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOFASCORE. Sofascore: c2025. Página Chelsea x Wolverhampton. Disponível em: <<https://www.sofascore.com/pt/football/match/chelsea-wolverhampton/dsN/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2025.

TRÄSEL, M. . **Jornalismo guiado por dados**: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. **EJM**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 11 n. 1 (2014): 50 anos do Golpe Militar de 64, 291-304, 04/2014.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no Futebol**: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional. 2000. 341f. Tese (Doutorado) – Curso de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VENANCIO, R. D. O. . Números e Matrizes do Jogo: ferramentas analíticas para um novo jornalismo esportivo. **Leituras do Jornalismo**, São Paulo, São Paulo, n. 1 (2014), 14-35, 05/2014